

ARTUR DE SOUSA

(PINGA)

do F. C. do Porto

o mais antigo internacional
ainda em actividade

(Foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 62 ★ 9 DE FEVEREIRO DE 1944

Para entreter, enquanto as pistas descansam

III — Discóbolos, tomem atenção...

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

EU bem vos dizia que isto de atirar o disco não é tão fácil como à primeira vista parece... Ao cabo de umas semanas de trabalho assíduo, os progressos estagnaram, os animadores resultados das primeiras sessões de treino não tiveram continuação — e vocês já se julgam falhados...

Não desanimem, rapazes, porque em atletismo o facto é vulgar; de entrada tudo corre às maravilhas e as primeiras lições causam melhoramentos consideráveis, que apenas traduzem a orientação metódica das qualidades naturais, por isso mais rendosas. Foi assim que vocês

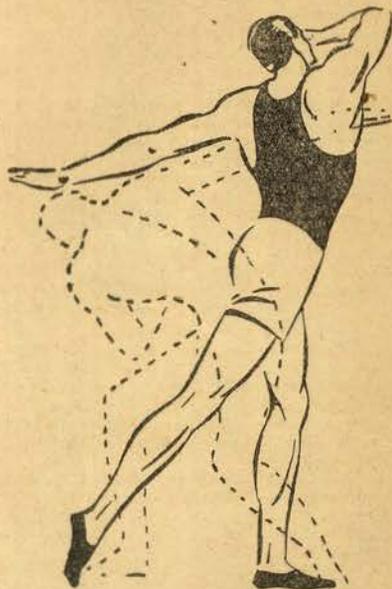


Fig. 1

passaram, em meia dúzia de treinos, dos vinte para os trinta metros; mas depois o aumento de distância parou, apesar de todas as diligências.

Não se admirem; tinha de ser assim. Começou agora a fazer-se sentir a necessidade de aperfeiçoamento do pormenor, de conjugação dos movimentos, de aplicação coordenada das acções musculares — e tudo isto é muito mais difícil e moroso. Não vos admireis, até, se os resultados baixarem; é a consequência habitual da execução consciente dos movimentos, mas veréis depois como os progressos voltam a ser seguros e constantes.

Escutem-me com atenção. Vou explicar-lhes quais os erros principais que, a cada um de vocês, impedem neste momento de continuar progredindo. Vistam os fatos de treino, para não arrefecerem, sentem-se no chão em volta de mim e se não perceberem alguma explicação, peçam esclarecimentos.

— Tu esqueces-te, quando lanças o disco, das minhas recomendações sobre a descontração do braço; tanta força queres fazer — que o resultado é contraproducente.

O braço e a mão desempenham o papel de uma funda arrastada pelo movimento giratório do corpo, pela tracção do tronco e do ombro. A única intervenção activa, além da espádua, é feita pelos dedos, quando imprimem rotação ao disco no momento do disparo. Quanta mais força fizeres com o braço e com a mão, pior; se executares convenientemente a tracção para traz e para baixo com o cotovelo esquerdo, ao mesmo tempo que todo o tronco se levanta e apruma, de peito voltado para o campo de lançamento, o braço direito aplicará a chicotada necessária sem ser preciso a sua intervenção activa. (Fig. 1)

Experimenta: põe-te em pé, braço direito inerte ao longo do corpo, tronco torcido para a direita e cotovelo esquerdo com o antebraço flectido e levantado acima do ombro, mais avançado do que êle; flecte as pernas, mais a direita, como se estivesses em posição final do giro no círculo. Bom; agora não faças força nenhuma com o braço direito e faz tudo o mais como se fosses projectar o disco; atira com energia o cotovelo esquerdo para traz e para baixo e empurra o solo com a perna direita para endireitar o corpo. — ISSO! Viste? Lá foi o braço direito atirado como uma funda...

Repete tantas vezes até assimilares o gesto e ensaia depois o lançamento; verás o result-do.

— O teu caso é diferente; o disco não vai longe porque aproveitas mal a força centrífuga; quando rodas, o braço vem na linha dos ombros e isto acompanha o eixo da bacia e a posição das pernas. Desta forma só aproveitas o b. lação do movimento giratório, mas perdes a tua própria força interior, que provém da possibilidade de utilização das intervenções musculares.

Lembra-te desta regra: o braço vem sempre atrás do tronco e o tronco vem sempre atrás das pernas. Conheces com certeza os chamados motores de elástico? Pois, mal comparado, é o teu caso: para que a mão que segura o disco rode mais rápida e imprima maior balanço, todo o corpo deve estar torcido em sentido inverso e desenrolar-se no momento do lançamento — como o elástico que move a hélice. (Fig. 2)

Quando treinares, ou até em casa, nas horas vagas, repete este exercício: colocaste na posição final, pé esquerdo à frente do pé direito, o corpo torcido para a direita sobre as pernas, os ombros e braço direito ainda mais torcidos para direita do que o tronco. Começa agora, devagarinho, ao retardar, o momento de projecção: destorce primeiro as pernas, depois a bacia, empurrando a anca direita para a frente pela extensão progressiva da perna; quando o corpo já estiver aprumado, começa também a destorcer os ombros, atirando o cotovelo esquerdo para baixo e para traz, sempre ainda com o braço direito atrazado para só no fim consentir que êle venha na cauda do movimento. Quando tiveres conseguido tudo isto, ganhas logo cinco ou seis metros no alcance.

— O teu defeito, muita vez o tens notado sem lhe compreenderes a origem: o disco não sobe e por isso não vai tão longe quanto deveria ir, para o impulso que leva. Pois a causa é muito simples: durante o giro no círculo mantens o braço direito empre ao nível do ombro, de forma que o ângulo de disparo é muito próximo da horizontal.

Durante a rotação no círculo o braço direito deve executar um movimento ondulatório, subindo quando o lançador está de pé esquerdo adiantado e descendo quando é o pé direito que vai para a frente. Já há pouco disse ao teu pri-



(Fig. 2)

meiro camarada que o disco sai da mão como a pedra de uma funda; para a pedra ir longe, tens de imprimir à funda um movimento giratório oblíquo para a vertical; se for perfeitamente horizontal, como aquêlle que acontece com o teu braço, a pedra pouco voad.

No remate do lançamento, quando puxas o braço para diante, tens de o baixar no início da distorção, para o levantares na parte final.

Estuda esta modificação e verás os benefícios que colhes.

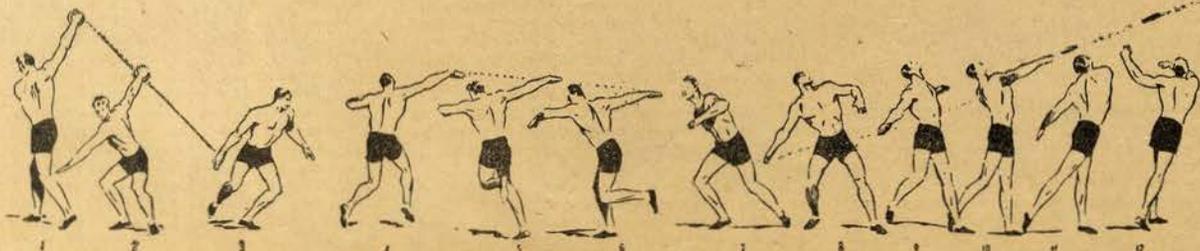
— Vamos ao teu caso, para acabar o sermão: o disco sai-te de chapa porque colocas mal a mão e não trabalhas com os dedos.

A mão larga o disco de unhas para baixo e pelo lado do polegar, fechando os outros dedos para lhe imprimir movimento de rotação sobre o seu próprio eixo. Viras a palma da mão para diante e estragas tudo; não tenhas receio, que o disco não cai, amparado pela força centrífuga, e quanto mais o agarrares maior é a dificuldade no disparo.

Vou ensinar-te como hás-de aprender o movimento dos dedos: Levanta-te e pega no disco, braço caído ao longo do corpo. Agora oscila o braço no plano vertical, para traz e para diante, e ao cabo de umas tantas oscilações, quando a mão vier para a frente, flecte o cotovelo e atira o disco na vertical, fechando os quatro dedos da mão para lhe dar movimento giratório no sentido em que andam os ponteiros do relógio.

É exactamente êste gesto que deves aplicar, no último instante do teu lançamento, mantendo, é claro, a mão em posição diversa, com as costas voltadas para cima, porque também o sentido em que atiras o disco é diferente do exercício que estás executando.

E por hoje — basta; porque, quando vocês tiverem corrigido êste defeitos que vos apontei hoje, se os resultados não corresponderem ainda ao nosso desejo, continuem sem desânimo, pois é provável — e mesmo certo — que outros erros ainda tenham ficado por emendar...



A consagração definitiva do Olhanense

Expressa num resultado de 5-0 sobre o Belenenses

Uma vista geral sobre os encontros disputados

por Tavares da Silva

DECIDIDAMENTE, o Campeonato Nacional de 1943-44 de-tin-se a ficar marcado em letras de ouro na história do futebol português. De jornada para jornada o interesse pela competição aumenta, dada a dúvida sobre o desfecho final, e os desafios entre os vários concorrentes transformam-se em lutas árduas e emotivas.

Assimilara-se já que a tradicional força do Benfica, Sporting e Belenenses encontrará em clubes como o Olhanense e o Atlético a melhor resposta. Deve agora dizer-se, em aditamento, que o Vitória de Setúbal está a crescer, fazendo exhibições que são para destacar e resultados a ter em conta. O clube de Setúbal está em vias de atingir o seu zenite, ou o máximo das suas possibilidades actuais.

O Olhanense confirma inteiramente o bom conceito em que já é tido. A equipa perde definitivamente o chamado respeito pelos *Grandes Clubes*, espécie de sentimento que faz baixar a cerviz a vários grupos, inexplicavelmente. E reage soberbamente — em termos de conseguir uma vitória sobre o Belenenses por 5-0, resultado que consagra definitivamente o grupo algarvio.

Claro que a forma do Olhanense suscita o maior entusiasmo no Algarve, e tudo isto se reflecte no jogo. Lembrar-se a gente da luta tremenda que foi preciso travar, e na qual não damos o primeiro passo a ninguém, para meter na prova o representante da Associação do Algarve!

O êxito do triunfo deriva do princípio já fixado a tendência para o nivelamento das forças concorrentes.

Essa tendência exprime-se cada vez por sintomas mais expressivos. Na última jornada, a luta entre o primeiro (Sporting) e o último (Académica) esteve longe de ser um caso ressoado ao primeiro minuto. Pelo contrário, o desafio foi jogado «taco-a-taco», com a pectos verdadeiros de equilíbrio. E tiveram no estádio do Lumiar de S. e equipas mais ou menos iguais. Melhor dizendo: duas equipas fazendo futebol equilibrado. Isto diz tudo.

A consagração da grande revelação da temporada — a equipa do Olhanense

O Olhanense deu claramente, aos chamados *teams* de categoria, a disposição em que se encontrava na altura em que foi visitado pelo Sporting. Os adeptos deste clube que assistiram à partida — quem sabe se esses dois pontos milagrosamente arrancados não virão a dar um campeonato — ainda põem as mãos na cabeça, quando a recordam!

Depois, através dos jogos feitos, mesmo fora de casa, a equipa algarvia demonstrou uma coesão e um valor que ela própria por certo desconhecia. E, contudo, quer-nos parecer que o *team* ainda está na curva ascendente, rasgando-se na sua frente os mais belos horizontes, visto tratar-se dum grupo fresco e cheio de vida que, como é natural, ainda tem alguma coisa que aprender, principalmente no capítulo da técnica.

Estas equipas novas são em geral muito velozes, amando a concepção do jogo rápido, em contraste com as equipas já feitas e muito jogadas, que gostam de ver se naquilo que executam.

No caso que versamos, a característica *velocidade* parece mais acentuada, em virtude do grupo dispor de uma linha avançada que pouco já tem que aprender, movendo-se no terreno com perfeita consciência técnica, em passes e desmarcações muito habilis, aumentando, portanto, a velocidade do jogo.

Esta linha realizou cinco *goals* contra o Belenenses, e o caso é tanto mais de a teriar quanto é verdade que, segundo unanimemente se afirma, a defesa de Belem jogou esplendidamente: Simão, rapidíssimo, na sua forma habitual; e Feliciano, com a decisão e a valentia de sempre.

Pode, e deve, no entanto, dizer-se que o ataque olhanense dominou, em jogo, o bloco da defesa lisboeta. Como? Pela velocidade pela desmarcação, pelo grito dos pés. Sem dúvida, o Belenenses portou-se como *team* que gosta de se dar à luta. A falta de José Pedro e Rafael foi sensível — em muitos momentos. Um pedia orientar no minuto da desorientação. Outro rematar, na altura necessária. Mas isso não tira brilho à vitória do Algarve. De resto, a falta de remate constituiu uma das falhas da

equipa belenense. Em muitas ocasiões essa falta fez-se tem feito sentir, mesmo com o grupo completo (recorde-se, por exemplo, o jogo do Campeonato de Lisboa. Belenenses — Unidos). Quere dizer, os avançados belenenses executam coisas muito bonitas e artísticas, agradáveis à vista, mas falta-lhes depois a *verdade*. É a verdade em futebol chamam-se *goal*. Só Rafael tem pés fortes para o remate. Os outros têm pés habilidosos. E são habilidosos.

O Olhanense, ao marcar o primeiro ponto, aos treze minutos, sentiu-se senhor da situação, e suficientemente forte para insistir no jogo de ataque, com vivacidade e suficiente energia. O Belenenses procurou ainda não perder a calma, e não se deixou contagiar pelo entusiasmo do adversário, talvez convencido da sua superioridade... Mas, aos poucos, a ilusão lisboeta desfazia-se como se desfazem as bolhas de sabão. O Olhanense não era somente um adversário entusiástico. Era igualmente uma equipa que *mandava* no terreno pela prática mais ordenada e do seu jogo e imposição do seu sistema, ao ponto dos médios belenenses se verem embaraçados para destruir o jogo algarvio — quanto mais para pensarem na construção do seu próprio jogo ofensivo.

O 1.º e o último classificado, num desafio de acentuado equilíbrio

A Académica provou mais uma vez que o lugar que ocupa é mais fruto de circunstâncias ocasionais, em que intervem a falta de sorte, do que doutro qualquer facto. O *team* sabe jogar e é capaz de jogar o suficiente para merecer uma posição mais honrosa. Haja em vista a exhibição dos académicos no estádio do Lumiar, verdadeiramente notável no capítulo do jogo de marcação, uma das facetas mais importantes do futebol moderno. Todos os avançados sportinguistas estiveram sempre *cobertos*, quasi que sem se perceberem, dando a sensação de que estavam no campo mais camisolas negras do que listadas de verde. Mas é que o *team* de Coimbra teve ajuda talento para, praticando a marcação, desenvolver o seu jogo de ataque com belo espírito de solidariedade e coesão, magistralmente conduzido pelos interiores, o que, sendo vulgar em Alberto Gomes, não deixa de ser expressivo no quinhão que cabe a Lomba.

Isto não quer dizer que Azevedo se vi-se em transe ou dificuldades sérias, porque a verdade é que os estudantes, jogando bem, embora, não atacaram com perigo. Podem contar-se os remates que podiam ter dado *goal*. Já o mesmo não sucedeu do outro lado. Os sportinguistas não jogaram com o necessário fio de ligação do jogo, resultando os seus ataques fraccionados e de mau desenho, ou, pelo menos, com a marca da confusão. Mas tiveram vários lances de perigo unicamente — ou *goal*, atestados em meia dúzia de intervenções que classificam com nota de distinção um guarda-rede (Arácio).

Resultado que honra o Vitória, não diminuindo o Atlético

O empate verificado em Setúbal, não diminuiu o Atlético. Sob o aspecto prático da questão, não há dúvida que o preço do ponto deixado pelos lisboetas, naquela cidade, constituiu uma perda sensível, fazendo do Atlético baixar um degrau na classificação.

Quanto a futebol propriamente dito não há dúvida que o clube de Lisboa correspondeu inteiramente, fazendo uma exhibição villosa, só por si suficiente para atestar o mérito da equipa.

O *team* soube adaptar-se às condições provas pelas pelo vento, jogando com a bola rolando no terreno, com velocidade e bom conjunto de passagens. Depois, quando o vento auxiliou, o grupo saltou rapidamente

para cima do adversário, passando de 1-2 para 4-2 e demonstrando plenamente as suas possibilidades. Tudo até fazia prever o seu triunfo. Mas na bola — e as equipas esquecem-se por vezes de verdade tão sabida — jog-se até o derradeiro apito, e basta um pormenor ou um incidente para transformar resultados. O Vitória, em maré cheia de entusiasmo e fé, teimou em não se deixar bater, e da sua insistência colheu os frutos desejados, graças aos pés de que dispõe o seu avançado centro, Francisco Rodrigues, qualquer coisa como uma *espingarda* mas, das de melhor marca... Não é proeza que se deva deixar na obscuridade, esta, conseguida por Rodrigues: 4 *goals* metidos numa defesa que tem prestado as melhores provas.

Estamos em crer, e desejamo-lo ardentemente, que estes resultados não de influenciar benéficamente um grupo como o do Vitória de Setúbal, aperfeiçoando o seu conjunto e robustecendo o seu moral, duas tarefas indispensáveis. Às vezes, um bom resultado, colhido na altura própria, vale por dois meses de treinos. As equipas da provincia só lucram, convencendo-se que podem jogar de igual para igual com as de Lisboa. E provando em campo — por actos e obras, que é assim mesmo.

O Benfica e as suas experiências. Júlio em destaque.

Está-se numa altura d' época em que os *teams* levam já muitos dias, justificando-se o estado físico de alguns jogadores, visivelmente *tocados*. Afinal, o problema é sempre o mesmo. Jogadores que deviam descansar não o podem fazer pela necessidade imperiosa das circunstâncias.

Porisso mesmo compreende-se e justifica-se a orientação do Benfica, aproveitando o jogo contra o Salgueiros para experiências e adaptações, e para o repouso de várias unidades.

Carqueira, Carvalho e Teixeira II são nomes que aparecem pela primeira vez no grupo do Benfica, e aos quais é lícito juntar o de Espírito Santo — um que regressa com o prestígio do seu nome e a recordação do futebol mais alegre que nos tem sido d' do ver.

A equipa não praticou jogo à altura dos seus créditos, denotando, por vezes, confusão na defesa, ou de sentimento, o que vem a dar na mesma. Mesmo no ataque não esteve feliz, apesar da graça e inspiração do seu avançado centro (Júlio) que produziu uma bela exhibição.

É de notar também que o Salgueiros apresenta progressos nos esquemas do seu jogo — sinal evidente de que a permanência na competição de honra lhe tem feito bem.

A superioridade do Porto manifestou-se de modo suficiente

O desafio entre o Porto e o Vitória (Guimarães) não dá grande margem para comentários.

O seu desfecho (7 a 3) implica a certeza de que ambas as defesas, ou jogaram mal ou praticaram erros.

Pelo que respeita ao Porto, parece não haver dúvida que o guarda-redes (Soares dos Reis) colaborou — sem querer, é evidente — com o adversário quando este se propunha fazer *goals*.

Quanto ao Vitória (Guimarães) não há dúvida que a sua defesa foi impotente para resistir ao Porto, ou ao seu ataque, vivo, poderoso, e mais sabedor. Não o vimos ao ponto de dizer que o campeão do Norte dominou em todas as circunstâncias. Não diríamos como as coisas se passaram. Porque a verdade é que os rapazes de Guimarães fizeram muitos *incuriosos*, principalmente pela *asas*, explorando a má tarde de dois médios alas, que sabem jogar melhor do que o que jogaram. Em todo o caso, a superioridade do Porto foi, por assim dizer, total.

HANDBALL



O campeonato de Lisboa leva este ano caminho de extraordinário interesse; o acertado esforço da Associação, a diligência orientadora da Comissão de Árbitros, o empenho disciplinado de todos, encontram na vontade dos clubes e no progresso técnico dos jogadores e grupos a justa compensação para conquistar o interesse do público pela modalidade. O número de espectadores tem aumentado consideravelmente e o ambiente de ordem e respeito em que decorrem as partidas, evolução inegável dos processos de jogo no sentido positivo, correspondem a motivos de grande segurança, que antes se voltarem os que aparecem por acaso.

Os propósitos dos dirigentes são os melhores intencionados e o seu resultado é seguro; consideramos no entanto indispensável que cada um se convença do papel que tem a desempenhar e evite intrometer-se sem necessidade nas funções alheias, com excessos de zelo descabidos, apenas para satisfazer ambições pessoais ou armar em patrão de quem lhe não encomendou o sermão.

A disciplina, para ser realmente disciplinadora e por todos recebida com respeito, deve ser aplicada em regime uniforme e com amplitude que a todos possa atingir por igual; não se compreendem intervenções de excepção.

Os resultados da grande maioria dos jogos das últimas jornadas oficiais mostram bem, para quem os saiba interpretar, o progressivo corrigir dos hábitos que mais prejudicavam o interesse das exhibições; o mal de que sofria principalmente o «handball» lisboeta era a sua tendência negativista, isto é, o empenho de quaisquer recursos para impedir o adversário de jogar; dominava em absoluto o propósito de construir jogo por conta própria.

Por isso se marcavam pouquíssimos pontos e as partidas eram interrompidas a cada instante por causa das prisões e placagens.

Agora a feição é outra: os jogadores, guiados pela influência moderadora dos árbitros, compenetraram-se da sua missão construtiva e passaram a respeitar as leis, respondendo com o ataque ao ataque do adversário. As consequências são as que a prática mostra: marcações avultadas, emoção constante e muito maior rapidez a empolgar o público.

Para exemplo deste critério de interpretação basta apresentar a lista dos jogos deste campeonato; no domingo passado, Benfica-Marvilense e Sporting-Estoril comprovaram a teoria.

O Marvilense, equipa de novos, feitos na própria escola, deu ao Benfica réplica valorosa e prova de melhoramento muito de louvar; faltavam apenas dez minutos para concluir o encontro e ainda os grupos estavam empatados. Se não fora uma imperdoável levandade do habilidoso guarda-rédes de Marvila, que entregou de mão-beijada o desempate ao adversário, talvez a decisão houvesse sido outra.

A luta mais cotada do dia, entre o Sporting e o Estoril, foi uma excelente demonstração de «handball», com uma primeira parte que a memória dificilmente esquecerá. Os dois grupos empenharam-se com ardor, procurando sempre o caminho da balisa oposta, rematando com vigor e defendendo com energia — sem contudo caírem no exagero dos livres.

O Estoril ganhou, e mereceu ganhar, embora fosse o Sporting que no conjunto fez melhor exhibição e mais tempo actuou no meio-campo contrário; houve, porém, nos estorilenses mais certeza e decisão no remate, mais segurança e felicidade no homem que defendia a balisa — e são estes os dois trunfos da cartada decisiva.

Como o Unidos também venceu o seu encontro com «Os Treze», que num acertado intuito de propaganda se celebrou na Amadora, continuamos dois grupos destacados à frente da classificação; esperemos que se defrontem para conhecer um candidato único ao título ao cabo da primeira volta, mas desde já parece assegurada a caída dos antigos grandes senhores, Sporting e Belenenses, substituídos da vanguarda das vedetas pelos antigos rivais do Unidos e pelo aglomerado do Estoril, com a subida ameaçadora e ambiciosa do Benfica, de «Os Treze» e do Marvilense.



1 — A atitude em «dribling»; 2 e 3 — O remate de Abreu que originou o gol do Estoril Praia e uma fase do jogo deste clube com o Sporting; 4 — No encontro Benfica-Marvilense

GOLF

Mais uma vitória do
Visconde de
Pereira Machado
no Campeonato Nacional



esperanças, tão fundadas, ainda, quanto é certo que alguns jogadores, como Nuno de Castro Pereira, António João e José Posser de Andrade, A. Casanovas, Eng.^o Alexandre e Manuel Brito e Cunha, têm acusado progressos. Mas o campeão nacional, desportista briso, sentiu o peso das responsabilidades. Intensificou os treinos nos últimos dias e o perigo desapareceu. O título continuou a pertencer-lhe e, diga-se desde já, muito justamente.

Nesta prova venceu sucessivamente: Eduardo Ricciardi, por 8/7, Nuno de Castro Pereira, por 6/5, António Posser de Andrade, por 2/1, e, na final, o seu irmão Manuel Brito e Cunha, por 8/7. Os «scores» indicam claramente que o vencedor do «Nacional» de 1944 só uma vez esteve em dificuldade. Nesse momento, a sua maior experiência e presença de espírito valeram-lhe abertamente. E a surpresa ainda não se verificou...

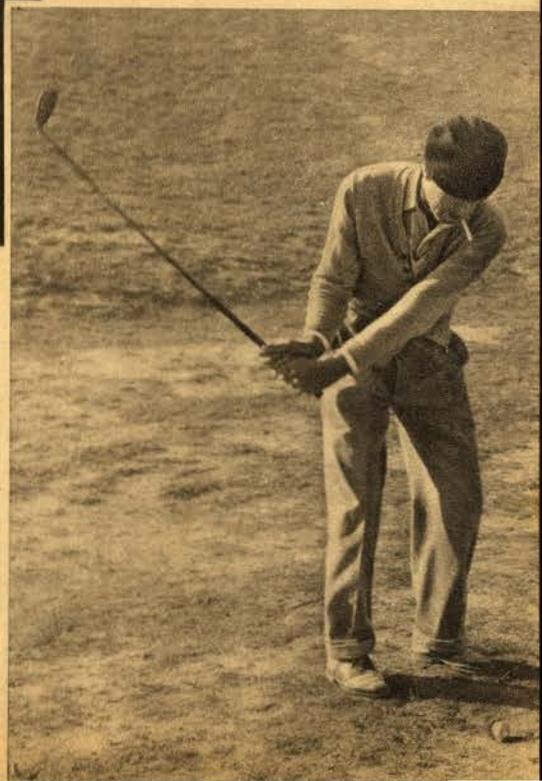
Falámos do vencedor. Mas, outros concorrentes há que merecem evidência. Manuel Brito e Cunha chegou à final e, por, isso, esteve, inequivocamente, em evidência. Até essa altura alcançara dois resultados nítidos e um escasso. No jogo decisivo, porém, fraquejou, pois o «score» é demasiado pesado. António Posser de Andrade e Eng.^o Domingos Alambre chegaram às meias finais; Talvez eles próprios não contassem ir tão longe. Os resultados foram modestos, mas a resistência que o primeiro opôs ao vencedor da prova atesta o seu valor. Nos quartos de final ficaram: Nuno de Castro Pereira, António Casanovas, Dr. Sousa e Melo e José Posser de Andrade. A eliminação dos primeiros justifica-se porque o seu adversário foi o Visconde de Pereira Machado. Os restantes têm revelado valor para estarem por mais tempo na prova. Resta-nos indicar os restantes concorrentes: Francisco Cebal, Eduardo Ricciardi, João Posser de Andrade, João Burnay, Eng.^o Duarte Belo, Dr. Azevedo Rua, Visconde de Soveral e Dr. Luís Sousa Lara. De todos, o que sofreu mais severa punição foi Eduardo Ricciardi, mas isso não o deminui, não só porque era o concorrente que há menos tempo pratica a modalidade, mas também porque o seu adversário foi o vencedor da prova. Os outros empregaram-se com vontade e em condições de proporcionar encontros de agrado. Um facto a assinalar: dos dezasseis concorrentes, quatro são jogadores de ténis de primeira categoria: Ricciardi, Nuno C. Pereira, Casanovas e M. Brito e Cunha.

DIAMANTINO DIAS

Em cima: Num dos mais afastados «greens», os finalistas estiveram acompanhados de alguns entusiastas da modalidade.

À esquerda: O campeão, Visconde de Pereira Machado, em plena prova. *Em baixo:* Manuel Brito e Cunha numa interessante jogada.

(Fotos Nunes d'Almeida)



No excelente campo do Estoril, incontestavelmente o nosso primeiro centro de actividade de «golfe», disputou-se, na última semana, o Campeonato Nacional desta modalidade.

Depois de dez torneios, qual deles o mais interessante e animado, surgiu a única competição que o calendário da temporada destina exclusivamente a jogadores portugueses. Dentro destes moldes, fornecendo, consequentemente, a melhor possibilidade para aquilatar dos progressos dos nossos jogadores, cujo número aumentou consideravelmente nos últimos tempos, o Campeonato Nacional reúne particulares motivos de agrado.

1944 trouxe-nos a décima «edição» da prova... e a nona vitória consecutiva do Visconde Pereira Machado. No primeiro ano do campeonato — em 1935 — o actual campeão encontrava-se em França e não pôde, por isso, disputar o título. A vitória pertenceu, então, ao Dr. Ricardo Espírito Santo e Silva.

Depois, nove vezes seguidas o triunfo foi conquistado por Visconde de Pereira. Poder-se-ia pensar que uma superioridade tão claramente traduzida faria diminuir o interesse dos «Nacionais». Felizmente tal não se tem verificado e este ano, adoptados novos moldes, a prova revestiu-se de maior expectativa e animação.

O campeão tem beneficiado, nas anteriores «edições» da competição, do privilégio de só disputar a final da prova, contra um adversário apurado pelo sistema de eliminação. Querê dizer: um encontro e um título...

Desta vez, porém, a sua tarefa foi mais árdua. Indubitavelmente, as possibilidades dos restantes concorrentes aumentaram com esta «experiência», que esteve prestes a proporcionar uma surpresa, tão difícil foi, para o campeão, a meia final contra António Posser de Andrade.

A temporada abriu há dois meses e o Visconde de Pereira Machado não lograra até ao «Nacional» uma classificação em harmonia com o seu reconhecido valor. Forma difícil e exhibições irregulares fizeram com que alguns concorrentes acalentassem melhores

Ainda as opiniões de Joseph Baudart acerca das actuais regras do jogo

CONCLUIMOS na presente crónica o depoimento de Joseph Baudart acerca da conveniência de dar nova forma às regras que condicionam, actualmente, algumas das principais modalidades do bilhar.

O prestígio do dirigente belga, pondo o dilema *automatismo ou diversidade*, decidiu-se pela *diversidade*. Depois de opinar que aqueles que, nas condições actuais, desejam firmemente manter uma boa habilidade de defesa, entre os novos sobretudo, têm fativamente de refugiar-se no *automatismo*, para se não virem de antemão ao sacrifício, o que constitui, indiscutivelmente, um grande perigo para o desporto amador, Baudart prossegue na explanação das suas razões no seguintes termos: «A partida de 4/0, que se conclui ordinariamente em algumas tacadas, não proporciona luta nem reflecte o valor real dos jogadores, se se concebe o bilhar num sentido mais geral. O remédio? O 4/1 não o foi, em verdade, pois que permite a mesma série. Suprimir o que se chama o quadro, que não é senão uma partida livre enquadrada, impondo-se ao rectângulo central as regras aplicadas aos outros compartimentos, como sugere o presidente Faroux? Sim... Pode ser... Será já alguma coisa — um golpe, ao menos, nas séries e nas médias, e que evitando as três ou quatro pequenas tacadas de preparação no meio do bilhar, complicará a série. Mas eu pergunto a mim mesmo se o remédio será verdadeiramente eficaz. Ao princípio, talvez; mas creio que, com um pouco de cuidado na procura do ponto de concentração, o automatismo reconquistará a supremacia e que bem cedo tornaremos a ver as séries demasiado longas e as médias excessivamente altas. Porque, sem falar nos grandes rases que a ultrapassam largamente, eu julgo que logo que se obtém com bastante frequência a média de 25, é já demasiado».

Os números perderam muito da sua significação.

«As performances destes últimos anos têm, em minha opinião, fidejando o espírito geral. Para que um *match* de bilhar seja interessante não é preciso que as séries sejam intermináveis e as médias elevadíssimas. Os desníveis que se manifestam, mesmo de uma partida para outra, não são o reflexo da verdade desportiva. Ponho de lado o ponto de vista espectacular, que é apenas uma questão de apreciação, se bem que tenha seu valor, mas no aspecto desportivo é a verdade que se deve procurar, e como diz o presidente, não necessárias certificações. Os números perderam muito da sua significação. Sem dúvida nenhuma que opiniões divergentes se farão escutar e provável é que da discussão nasça a luz. Boas vontades não faltam. As experiências ditaram o melhor conselho e é por isso que eu penso haver lugar para elas. Entre os profissionais, primeiramente, em provas que não comportem a atribuição de um título, e entre os amadores, depois, se a próxima reunião internacional assim o resolver. Para a partida livre o ponto grande de 72x36 que, sem suprimir completamente a americana, colocará no seu caminho um obstáculo serio. Esta modalidade de jogo convirá verdadeiramente também a numerosos jogadores que não querem jogar a partida inteiramente livre e que, por outro lado, ainda não estão verdadeiramente em condições de jogar o 45/2. Para o 45/2, aplicação ao rectângulo central das mesmas regras aplicadas aos outros compartimentos. Poder-se-ia talvez ajuntar a obrigação de levar as bolas às marcas quando elas se colam. Isto obrigaria também a jogar com maior precisão. As experiências poderão ser eloquientes, mas a despeito de todas estas medidas eu tenho, no que me respeita, a impressão que lentamente, mas seguramente, os jogadores fortes dirigem-se ao 71/2. Diz-se que esta modalidade é demasiado difícil. Não o creio. É de certo difícil, mas não excessivamente, se se não pretende atingir números

astronómicos, que, a meu ver, são um mal. Basta considerar que com uma prática estreita desta modalidade, se realizam já correntemente, médias com as quais se ganhava um campeonato ao 45/2 ainda não há muito tempo. Talvez que um dia vejamos nela, também, uma forma de série americana. Mas a distância torna em todo o caso a coisa mais difícil — e nós não nos encontramos ainda nesse ponto.

«E, de passagem, como se deverá chamar às novas modalidades de jogo? O termo *quadro* justificava-se para a *partida livre enquadrada*, cujo traçado forma como que um enquadramento do rectângulo central e livre. Ao 71/2, o traçado não enquadra coisa nenhuma. Existem apenas linhas — nada mais! Mas o hábito é uma segunda natureza, e, nisto também, seria muito difícil colir com a rotina».

Leclercq fez-se porta-voz de alguns amadores, no Inquérito de «Le Billard Sportif»

Leclercq, presidente do «Amical Billard Club Doudien», solicitado por vários membros da sua colectividade para tomar parte no inquérito promovido por «Le Billard Sportif», limitou-se a apertar, sumariamente, as reflexões de alguns amadores.

Merece a pena arquivá-las, já pelo que elas significam como reacção às ideias defendidas por Faroux e Baudart e apoiadas por outros categorizados dirigentes, como se verá, já pelo tom rancioso e rónico que revestem, sem falar nas razões em que se fundamentam e que a muitos se afiguram como de melhores. Elas: «Que pensar de um senhor bem intencionado que propusesse transformar os regulamentos do Xadrez, das Damas ou do Bridge, sob o pretexto de que estes jogos se haviam tornado demasiado fáceis... ou monótonos?»

«Que caso se faz das somas de trabalho fornecidas por numerosos jogadores para chegarem a fazer x carambolas na série americana, para aprenderem a conduzi-la e a sustentá-la, e que alcançaram certo êxito? Os partidários da transformação não se encontram, verosimilmente, entre esses jogadores».

«De qualquer modo, aonde chegávamos se um jogador aborrecido de perder em determinada modalidade, ou sentindo-se enfraquecer, pudesse, trabalhando na sombra, inventar um novo método de jogo, fazê-lo adoptar e readquirisse assim a supremacia, ao menos por algum tempo?!»

«De transformação em transformação, teríamos sebes, valas e paulitis; jogar-se-ia com 4 ou 5 bolas... mas isto já não seria o bilhar!»

Seria muito mais lógico deixar intacto o que existe e criar novas modalidades de jogo (se há necessidade disso) para os exibicionistas profissionais sómentes.

Marcel Lejeune advoga um processo ultra radical

Marcel Lejeune, membro do Comité da FPAB, exprimiu-se deste modo:

«Em que se torna o 71, nesta história? «O momento parece-me oportuno para pôr na ordem do dia a minha partida: Uma carambola, eis tudo».

E explica-se, em nota da redacção: «A partida sugerida por Marcel Lejeune reduz a série à sua expressão mais simples: a unidade. Jogar-se às três tabelas. Quando se faz uma carambola, a mão passa, mas o jogador tem direito a uma segunda tacada para colocar a sua bola na pior posição possível para o adversário. É uma partida *réplica*, que comporta a defesa em todas as tacadas, uma espécie de *téni* no bilhar».

A série deve permanecer como rainha do bilhar — afirma Rouby

Rouby, secretário do «Billard Club de Mulhouse» e do «Billard Club de Soultz», chamou a emitir opinião no assunto, pronunciou-se do seguinte modo:

«Não vejo inconveniente em que se alargue

o traçado do canto na parte da livre, como também não em que, na partida do quadro, se aplique ao rectângulo central a mesma regra imposta para os outros quadrados e rectângulos. Os nossos grandes jogadores, creio-o bem, prontamente levarão de vencida essas pequenas entranças. Todavia, os jogadores médios que têm já muito que vencer, encontrar-se-ão perante uma nova dificuldade.

«Dada, porém, a maneira como a questão é posta, parece verem-se com mais olhos a americana e a série da linha. Ora, é preciso muita ciência e aplicação para praticar a americana, que somente é monótona para o espectador profano. Que se já Albert que fica 500 e Burton 0 ou inversamente, pode parecer injusto, mas não é justamente nisso que intervém o factor *luta*, que é, entre jogadores de classe, o atractivo principal da boa e velha partida livre?»

«Quanto à série da linha, todos os jogadores sabem que ela exige enorme precisão, subtilidade e aplicação. De vem desdenhar-se estas qualidades? E são assim tão numerosos os que nesta especialidade alargam a suas séries até às centenas?»

«Evidentemente, poder-se-iam impor unicamente aos nossos *super-ases* as modificações do regulamento; muito, porém, dos jogadores médios, por «snobismo» talvez, meter-se-iam a jogar conforme as novas regras. Surge, então, a questão de saber se as modificações encarradas não correrão o risco de encorajar os caramboladores, que formam legião, em face daqueles que praticam o processo baseado na delicadeza da chamada e na subtilidade da reunião, jogadores estes que não são já muito numerosos.»

«E seria preciso também decidir qual o melhor jogador: se o da carambola destacada, solta, se o da série».

«Na minha humilde opinião, deve ter-se como um suco o, e não como uma tara, o facto de que as séries se alonguem de cada vez mais. A série deve permanecer rainha do nosso desporto, visto que dispomos ainda das modalidades de jogo por tabelas e do Pentatlo, que nos permitem distinguir os jogadores completos»

No Torneio de Classificação na modalidade por tabela,

o Dr. Francisco Branquinho e Alfredo Alinho registaram as médias mais altas

CONCLUIU o Torneio de classificação organizado pela A. P. A. B. e cuja finalidade era definir a categoria dos concorrentes na modalidade por tabela, com vista ao próximo Campeonato da Lisboa. A prova reuniu 38 concorrentes, oito dos quais alcançaram a média geral estabelecida para a 2ª categoria. A média geral requerida para a 1ª categoria, 2,7 carambolas (marca internacional), não foi atingida por nenhum dos jogadores, tendo todavia ficado muito perto dela os srs. Dr. Francisco Branquinho (sala da Brasileira) e Alfredo Alinho (sala da Portuguesa). No próximo número, «Sportif» publicará uma entrevista com o conhecido «ass» e técnico de bilhar João Pereira, sobre o valor e o significado dos resultados da prova.

A classificação final dos disputantes do torneio que terminou estabeleceu-se pela seguinte ordem:

2.ª categoria	Melhor média particular	Maior Série	Média geral
Dr. Francisco Branquinho	2,521	21	2,227
Alfredo Alinho	2,511	22	2,247
Alvaro Curvalho	2,504	20	1,888
Americo Torres	2,777	15	1,851
Salvador Azevedo	2,702	14	1,710
Mário Pereira	2,777	12	1,623
Carlos Rebouças	1,920	12	1,522
António Brito	1,920	12	1,622
3.ª categoria			
Mário Matos	1,655	11	1,452
José Cunha e Costa	1,593	10	1,457
Fernando Saraiva	1,754	9	1,422
Dr. Jacome Delfim	2,272	16	1,447
Luiz Aquino	1,724	12	1,332
Santos Henriques	1,562	14	1,252
Nelson Pereira	1,562	11	1,190
Mário Pereira	1,521	12	1,171
Henrique Munero	1,500	12	1,167
António D. Abreu	1,532	19	1,151

Classificaram-se, a seguir: Dr. Maria Pereira, Armando Gomes, Jorge de Oliveira, Fernando de Curvalho, Eduardo Ribeiro, Ernesto Silva, Belo Redondo, Dr. Oliveira Jardim, Vasco Albuquerque, Timóteo Moreno, Artur Nobre, Armando Reis, Hermann Busch, D. Tomaz de Almeida, Carlos Tralva, Roberto Pires, Alberto Costa, António Saraiva, António Figueiro e Joaquim Pontofa.

As taças «Portugalia» (para a melhor média geral) e «José Alabern» (para a maior série) foram ganhas pelo Dr. Francisco Branquinho e Alfredo Alinho, respectivamente.

NO número 1861 do nosso colega «Sporting», do Pôrto, um nosso camarada e-crevia textualmente: *Pobre foi o ano de 1943 para o ciclismo nacional. Destaquemos a nossa participação em terras de Espanha e a ida do Faísca ao Ultramar português. O que de resto se passou não inspira um destaque de fim de festa. Sistemáticas vitórias de João Lourenço, o nosso mais completo ciclista em todos os tempos e larga projecção de propaganda a/lm fronteiras desportivas. Insistiu-se em provas de estrada, não se pensando com o mesmo das provas em pista, menos exhibicionistas, mas mais desportivas.*

Francamente — não estamos de acôrdo. Temos lido, por vezes, as mais fantasias e apreciações à «maltadada» modalidade desportiva que se chama ciclismo, mas como esta, injusta sob diversos aspectos, temos encontrado pouco...

Não pretendemos, de forma alguma, ser desagradáveis ao autor das considerações que transcrevemos — mas não podemos deixar de declarar sem eufemismos inúteis, que é necessário estar inteiramente fora da «mecanização» do desporto do pedal para afirmar que uma das coisas a destacar em 1943 foi a ida de José Albuquerque aos Açores (onde chegou a exhibir-se correndo apenas com um adversário, o que se verificou mais de uma vez) e que em Espanha, segundo se depreende do comentário, se «salvou» apenas João Lourenço, isto precisamente num ano em que todos os ciclistas portugueses que por lá correram souberam rivalizar com o valoroso «leonino».

GRANDEZA E DECADÊNCIA DO PUGILISMO AMADOR

A esgrima dos punhos parece haver deixado de ter, em Portugal, praticantes amadores. É bem de ver que não desapareceram por completo, mas os que há são poucos e não consta que brilhem intensamente no firmamento desportivo.

Alguns anos atrás, digamos vinte, inúmeros entusiastas calçavam luvas e pelejavam nos rings. Tinham qualidade e fervor. Os clubes, por sua vez, mantinham em constante funcionamento classes conduzidas por pessoas dedicadas e sabedoras, se não profundamente, pelo menos em grau bastante para obter resultados apreciáveis. De propósito, não mencionaremos nomes ou locais — para não cair em omissões involuntárias do que merece e justa citação.

Hoje, parece haverem terminado tanto as provas inter-clubes e os campeonatos regionais e nacionais, como os simples encontros de ginásio e sala, meras demonstrações de vitalidade e existência. Se algo de jeito se produz é em segredo e às escondidas, por carência de propaganda, ausência de estímulo e insuficiente organização.

Ora isto é profundamente lamentável. Sem querer jeremiar inutilmente, cabe-nos o papel de pôr em foco um problema de, aliás, elementar bom-senso.

O pugilismo amador é um factor preponderante. Comparado com o profissional, leva-lhe vantagem decisiva em tudo quanto o jogo do sóco tem de bom e cede-lhe os vícios e as inutilidades. Porque o amador cultiva a esgrima dos punhos pelo prazer exclusivo do desporto. Jogar tecnicamente bem e com lealdade, tirando partido das vantagens físicas e morais colhidas pela prática constante e sem cessar aperfeiçoada, eis a finalidade do amadorismo. Os pré-

TENIS DE MESA

Taça «Stadium»

Proseguiu na última semana a disputa do torneio da taça «Stadium». Efectuaram-se os encontros da quarta e quinta eliminatórias, findos os quais apenas três equipas estão na prova: os Combatentes e o Benfca (A e B).

A falta de espaço obriga-nos a reservar para o próximo número alguns comentários a estes encontros.

OITO MESES DE CICLISMO EM 1943

BALANÇO DE UMA ÉPOCA POUCO FELIZ

IV

POR GIL MOREIRA

Na maioria das vezes, é pelo que lê que o público afecto ao desporto ajuda do v. lor dos homens e das provas. Assim, bem conveniente será que neste caso se lhe diga quão grande é a diferença existente entre o que veio a lume no nosso aludido colega portuense e o que de facto houve de aceitável na temporada que findou.

Uma boa época de provas de pista

Como já dissemos em artigo anterior, foi medíocre a actividade em estrada, ao passo que as provas de pista tiveram em 1943 um dos seus melhores períodos dos últimos anos.

Nada menos de onze provas disputaram os portugueses em Espanha. Dessa corridas, oito foram ganhas pelos lusitanos, que dividiram entre si as vitórias da seguinte maneira: Lourenço, 2 individuais; Lopes, 3 individuais e 1 por equipas; Martins, 1 individual e 2 por equipas; e Raposo, 2 por equipas.

Os nossos compatriotas apenas foram batidos três vezes — e mesmo assim, em qualquer

dela, por infelicidade manifesta: quedas de Lourenço e Lopes e doença do primeiro. E para coroar tão brilhante conjunto de resultados, trouxeram para Lisboa a valiosa taça «Ayuntamiento de Barcelona», disputada em um «match» Portugal-Espanha, no qual tomou parte a fina flor dos corredores existentes em terras espanholas.

Chegados a Portugal, os nossos bríos representantes tiveram o condão de movimentar extraordinariamente uma série de corridas de pista, efectuadas em Lisboa e no Pôrto, alguns das quais registaram elevado valor desportivo e decorreram de molde a poderem comparar-se com qualquer boa organização dos velodromos dos grandes centros da velocidade. Julgamos que o público que foi até o Estádio do Lumiar, para assistir a festivais promovidos pelo Sporting e pelo G. D. da «Luminante», ainda não esqueceu o bom comportamento de Inácio; a réplica que deu a equipa Jacinto-Rebelo; o «élan» com que correram os nortenhos Aniceto Bruno Carvalho Marques e M. reira; a superioridade manifestada pelo duo Lourenço-Lopes, que mostrou como se corre e se triunfa numa «americana» — tudo isto sem esquecer a fogosidade de José Martins e de Raposo, e o comportamento das equipas portuguesas na pista do Lima, na qual os ciclistas lisboetas foram derrotados três vezes.

Cremos que o mérito deste conjunto é suficiente para classificar a época de 1943 como a melhor dos últimos tempos em corridas de pista, além de que o mesmo conjunto ajuda a esquecer o que a temporada de provas de estrada teve de pobrezinha...

Mais algumas virtudes

Mas embora em «nau ano», como dissemos já, a época de 1943 teve ainda mais algumas virtudes, que favoreceram o ciclismo — reconheçamos que em menor escala que a necessária para dar alento eficaz à modalidade.

Houve um clube de grandes tradições na velocidade, o Sport Lisboa e Benfca que voltou às lides, competindo nas corridas de iniciados e amadores, embora em plano que julgamos não estar em relação com o valor do popular clube.

Mais verificou-se que alguns amadores demonstraram qualidades que lhes permitem aspirar à passagem à categoria superior, tais como Tavares da Silva, Guilherme Jacinto, Aristides Paulo, João Lourenço Júnior e Baptista Alves; surgiu, no meio de certo desalento geral, mais uma equipa de clube — do Sporting Clube de Lourç; e, a criar possibilidades para trabalhar construtivo em relação ao futuro, ficou preparada, já com aspecto e condições técnicas de valia, a pista do Lumiar — que pode proporcionar belas jornadas ao ciclismo de competição.

Assim há já entendimento entre dirigentes e dirigidos — e se trate dos assuntos da velocidade com um pouco mais de desportivismo que o verificado em muitos casos.

Mas, em suma, e para concluir: tudo isto é um pouco mais e diferente do que «um facto a mais no mais do facto» — como dizia Sporting o nosso colega «Sporting»...

mios e as vantagens pecuniárias não lhe interessam, nem cabem no espírito do amador.

O profissional segue uma carreira para a qual nem sempre demonstra vocação e aptidões. Não pode alhear-se da parte financeira e o carácter desportivo do jogo passa a plano secundário. A dureza, a violência dos longos combates, a preocupação de abater o antagonista, as duras condições impostas pelos empresários, etc., sendo inevitáveis no profissionalismo, são ignoradas pelos amadores.

Precisamente, existe nítida demarcação entre os dois processos de jogar o sóco. Esse limite, ainda que alguns leitores o não precisem, separa o lado perigoso do desporto do seu lado inofensivo. O *boxing* mantém-se limitado por essas duas classes contíguas de elementos — e tanto pode ser um desporto desastrosado como benéfico.

Os amadores jgam com luvas grossas, combatem durante poucos assaltos de curta duração, jogam limpamente, não primam por bater forte e encaixar duro. O *knockout* é raro.

Contrariamente, o profissional calça luvas ligeiras, bate-se rudemente: por longo tempo, trabalha por conseguir uma técnica de adaptação às contingências profissionais e expõe o organismo a choques violentos e repetidos. Daí, o tornar-se «batoteiro» ou, pelo menos, «matreiro».

Em resumo: salvo honrosíssimas excepções, o profissionalismo tem pouco de esgrima de punhos e algo de combate de ruas. Mais repertório de *trucs* que compêndio de técnica, mais materialista que artista.

Isto não impede que inúmeras e brilhantes figuras do profissionalismo sejam também os mais rutilantes expoentes do jogo. São os artistas natos, os super-boxeadores, as excepções do grande mar profissional.

Eis as causas por que sempre lamentaremos que o amadorismo tenha decaído tanto entre nós. É imperioso revivê-lo e fomentá-lo: atraindo as massas populares à sua prática inteligente e comedida; dando-lhe bons mestres; e esportivando a propaganda!

Bons mestres... Eis a chave do mistério. Comece-se por aí. Atrair os amadores, dando meios, organizando provas, fomentando o jogo. Dêste modo poderemos regressar a melhores tempos, como aqueles em que só davam ingresso no profissionalismo os *aprovados* e *habilitados* amadores da «muito nobre arte da defesa indivi-

. . FLECHA . .

A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:

L. do Intendente--LISBOA



dual», locução usada na Inglaterra, há duzentos anos, pelos profissionais que atraíam as janetas às Academias, com cartazes expostos nos portões, e ali entravam para praticar e aprender.

RAFAEL BARRADAS

NA 11ª JORNADA:
OLHANENSE
 aproxima-se dos favoritos...



Benfica-Salgueiros: 1 — Avançada benfiquense, conduzida por Espírito Santo, que reatendeu no domingo; 2 — A defesa não consegue interceptar uma passagem de Arsénio.

Vitória (S.)-Atlético: 3 — Rodrigues vai rematar um dos seus quatro «goals»! 4 — Avançada Atlético, que marca a fogaosidade com que se disputou a bola na grandeza setubalense; 5 — Cunha leva a melhor numa intervenção de cabeça.

Sporting-Académica: 6 — Mourão não pode captar o passe e Acácio vai recolher a bola. — Mário Reis antecipou-se com oportunidade e ganhou na luta com Mão; 8 — Luta acesa junto das rãdes do Sporting. Azevedo recolhe a bola em um adversário apoiado nos ombros — mas consegue afastar o perigo. Eduardo Augusto vigia...



OUTROS TORNEIOS DE FUTEBOL

NA 2.ª DIVISÃO NACIONAL ESTÃO APURADOS OS PRIMEIROS VENCEDORES DAS SÉRIES — A III DIVISÃO DA A.F.L. — O TORNEIO DA ALA 2 DA «M.P.»

COMEÇARAM no último domingo a ficar concluídas as «poucas» para o puramente dos clubes que não de participar da segunda fase do campeonato nacional da II Divisão. Isto significa que estes jogos já na embalagem final da primeira parte da competição. E, agora, de jornada para jornada, outras equipas irão fortalecerem as suas aspirações.

GRUPO A

Entre os componentes da série I tudo correu dentro do previsto. O Famacão, foi dos 1.ºs vencedores o que obteve «scores» mais amplo o que é natural, sabido que foi o que teve adversário mais fraco. O Sporting de Braga foi o que mais lucrara com o triunfo, pois abandonou o último pó-tó. E o Vila Real saiu-se firmemente da sua deslocação para Vizeu.

Entre os portugueses: a derrota do Ramalense, em frente do C. D. Aves constitui o resultado menos esperado, como inesperado era tão recente, ante vitória do Vilanovense (4-0) sobre o Colimense. O Leixões continua firme, alcançando o melhor resultado de 20.ª sobre o F. C. G.ª (8-2). O Académico também obteve margem folgada, mas deve atender-se a que lutou com o mais fraco da série.

GRUPO B

Na série constituída pelos clubes da A. F. Aveiro, tudo correu pelo normal. A Sanjovens consolidou a sua invejável posição. O Sporting de Espinho e a Oliveira ganharam, mais sem proveito de maior.

O futebol combinicênse não saiu demolido do contendo. O Unstani ganhou ao Andara e o União bateu a Naval, da Figueira.

No Beira Alto o Académico suspirou de alívio quando viu o fim do jogo entre o Boienses e o S. L. Vizeu, que aquele ganhou folgarmente.

Os Covilhenses obtiveram na sua primeira vitória — por sinal expressiva. E os Lanfícios voltou nos «scores» robustos: 7-1 ao Estrela de Portalegre.

GRUPO C

Saliu-se a primeira vitória dum «team» de Santarém sobre outro de fora. A derrota sofrida pelo Alcanense em frente dos «L.ªs», constitui de certo modo, a reabilitação do futebol escalaboi no. A vitória do Alcoabense sobre o Peniche desfez a igualdade entre os dois clubes.

O Unidos sofreu a primeira derrota, imposta pelo Fofos. O T.ª reence não teve, contra o Olivais, as dificuldades que se previam. E o mirvilense demonstrou que ainda não venceu a crise que atravessa.

O Est.ª, pela segunda vez nesta prova, se creditou do melhor resultado da jornada. E porque o adversário era o Arrentado não se esperava muito que se chegasse aos 1-0. O Barreiro se e Onze Unidos levaram, justamente, a melhor sobre dois «teams» de Lisboa; o Operário e o C.ªs Pia.

O Unidos d.ª Barreiro bateu naturalmente ao Gimnásio do Sul e o Lusó desembarçou-se do Amora.

GRUPO D

Estiveram em evidência os «teams» de Évora, que regressaram a casa com vitórias — a do Juventude sobre o Grupo União Sport de Montemor; e do Lusitano sobre o Estremoz.

O Atlético de Moura empatou com o Lusó de Beja e este ficou vencedor da série. E no Algarve descumpru-se. Zé do Paço

Na III Divisão de A. F. L.

As coisas complicam-se...

AS jornadas vão passando umas após outras, sem que se possa descortinar qual seja o desfecho do torneio n.º 3 da A. F. L., no que respeita ao seu vencedor, pois que os grupos principais, como aqui já várias vezes temos afirmado, parecem apostados em oferecer os resultados mais imprevisíveis que imaginar se pode.

Entretanto, arquivemos os da última jornada:

ANO XII — Lisboa, 9 de Fevereiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 62

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.
Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefona 51146 — LISBOA
Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Desp. Olivais, 1 — Cascalheira, 1
Picheleira, 5 — Amadora, 2
Palmeense, 5 — Desp. Operário, 2
Amoreiras, 4 — Arroios, 2

O Desportivo dos Olivais, que parecia ser a equipa mais apetrechada para ganhar o título, embora jogando no seu campo, não foi além de um empate em face do Cascalheira. Jogando também em casa, o Picheleira não teve dificuldade em se desenharem do Amadora por um «score» expressivo: 5-2. Vitória de certo modo fácil, ante um dos últimos classificados.

Terá o Palmense reencontrado a boa forma? Tudo o leva a crer que sim. Os camponês da época passada tinham, no domingo último, um jogo perigoso e difícil. Recebiam o Desp. Operário, um dos cançados ao título. O resultado final do encontro deixa antever que o Palmense ganhou sem dificuldades de maior. De facto 5-2 é uma diferença expressiva.

E por último, uma vitória nítida do Amoreiras sobre o Arroios, que muito ajudará aquele na fuga do último lugar.

Em reservas, verificaram-se os resultados seguintes: Desp. Olivais, 4-Cascalheira, 1; Picheleira, 1-Amadora 1; Palmeense, 2-Desp. Operário-1; Amoreiras, 2-Arroios, 2.

No núcleo de Cascais, os resultados foram os seguintes:
Bom Sucesso, 2 — Oeiras, 1
Cascais, 2 — Paredo, 1
Carcavelos, 0 — Paço de Arcos, 3

Como resultado sensacional e imprevisível, temos a anotação de derrota do «leader», o Paredo, que regressou a Cascais vencido por 2-1.

Não é caso, porém, para que o Paredo desista das suas fundadas esperanças ao título, mas não deixa de não ser um precalço que pode ter funesta conseqüências...

O Bom Sucesso, no seu campo, ganhou normalmente.

Digna de registo a proeza do Paço de Arcos indo arrancar a Carcavelos uma vitória expressiva.

E por último, os resultados das reservas: Bom Sucesso, 4-Oeiras, 1; Cascais, 1-Paredo, 0; Carcavelos, 1-Paço de Arcos, 5.

Homens de amanhã

Começou a disputar-se o torneio de futebol da Ala 2 da «M. P.»

DANDO realização ao plano de antemão estabelecido para o ano lectivo de 1943-44, começou a disputar-se, no sábado passado, o torneio de futebol da Ala 2 (Li-bo-a) da «Mocidade Portuguesa», prova a que concorreram onze centros — agora dez dada a desistência da Escola Fonseca Benevides — divididos em duas séries.

Os encontros que preencheram a primeira e segunda jornadas forneceram os resultados seguintes:

Escola Académica, 3 — Latino Coelho, 0
Liceu Camões, 9 — Ferreira Borges, 0
E. Manuel Bernardes, 3 — Valsassina, 1

O primeiro destes desafios disputou-se no sábado. Os dois últimos, no domingo, no campo do Liceu Pedro Nunes.

Temos, portanto, duas vitórias normais, alcançadas pela Escola Académica e pela Escola Manuel Bernardes, a afirmarem boa superioridade, é certo, mas dentro de relativo equilíbrio de forças. Já no encontro Camões-Ferreira Borges, esse equilíbrio se não verificou. Houve, realmente acentuada diferença entre as duas turmas, que o resultado, logo deixa antever.

Isto, como ilações tiradas, a frio, dos resultados. Porque, acima de tudo isso, o que nos agrada registar é a maneira como os desafios decorreram.

Dá gosto assistir a estes encontros da «Mocidade», pela forma como elles se desenrolam, pelo ambiente de que se rodeiam, pela «idéia» que domina tudo — a «idéia» da «Mocidade».

Os filiados da «M. P.» têm formação moral

XADREZ O CAMPEONATO DE PORTUGAL

e a revelação do jovem campeão portuense João Mário Ribeiro

SOB a direcção do dr. António Maria Pires e de Rui Nascimento e Eduardo Shirley, está a disputar-se, nas salas do Grupo de Lisboa e perante assistência desusada em torneios desta natureza, o Campeonato de Portugal de Xadrez.

Neste torneio a nota sensacional foi fornecida pela revelação do valor extraordinário do jovem campeão do Porto, João Mário Ribeiro, dotado de intuição e calma que o colocam entre os mais destacados jogadores nacionais.

Logo na 1.ª sessão venceu o campeão de Lisboa, sr. Francisco José Lupi — vitória que a sua desistência perante o campeão de Portugal, sr. Carlos Pires, em nada ofusca.

Francisco Lupi teve a amabilidade de descrever especialmente para a «Stadium» a sua partida com João Mário Ribeiro, descrição que, com os respectivos comentários, publicamos a seguir na íntegra:

Braucas: João Mário Ribeiro.
Pre-as: Francisco J. Lupi.
«Abertura Espanhola» (Defesa fechada).

1. e4, e5; 2. Cf3, Cc6. Não hesitei em jogar uma «Ruy Lopez», se bem que fosse mais prudente defender-me com a «Siciliana» (1. e4, e5, etc.) pois todos conhecemos as importantes análises que os xadrezistas do Porto possuem acerca das variantes na «Partida Espanhola».

3. Bb5, a6; 4. Bb4, Cb6; 5. O-O, Be7. Só no último momento me decidi pela «defesa fechada», e, contudo, em má hora! Realmente, no estado actual da teoria, considero as variantes da partida «Ruy Lopez», aberta (5... Cxe4, 6. d4, b5; 7. Bb3, d5; 8. dxe, Be6, etc.) como sendo, mais prometedoras para as Negras; mas, como adiante se verá, era minha intenção analisar determinada variante na «Partida Fechada».

6. Tel, b5; 7. Bb3, d6; 8. e3, O-O; 9. h3, Ca5; 10. Be2, e5; 11. d4, Dc7; 12. a4! Era justamente a presente linha de jogo que me interessava, pois tinha a certeza que o jovem Campeão do Porto, baseado nas recentes análises de conhecidos xadrezistas norte-nos Leonel Pias, não deixava escapar a oportunidade...

13... b4; 14. exb, exb; 14. Bg, Bd7; 15. Bxb Note-se que na referida análise de Leonel Pias (Revista Portuguesa de Xadrez) este aconselha, como resposta a 13. a4, o lance das pretas 13. Bd7. Preferi, no entanto, jogar 12... como por exemplo na partida Keres-Reshevsky, Estocolmo, 1927. Do mesmo modo, as Brancas, em lugar de continuarem: 14. Cb-d2, como na referida partida Keres-Reshevsky, optaram pela linha de jogo 14. b3, que não me parece nada inferior a 14. Cd2.

15... Tf-f8; 16. Bg3, Cc6; 17. Cb-d2, exd; 18. Cxd, Cc5; 19. Bf1, Db7; 20. Cc4! Eis um lance de Mestre. O amador pode reparar nas funestas conseqüências, caso as Pretas jogarem 20. Cxe4, etc. Seguir-se-ia 21. Ca5, e então se 21. Dd5 — lance aparentemente lógico, as Brancas respondiam 22. Cf5! ganhando pelo menos uma peça. Por outro lado, no caso das Pretas jogarem 21. Dd6, em vez de 21. Dd5? as conseqüências que daí resultavam eram talvez piores, pelo que tive de jogar:

22... e5; 23. Ccc4, a1! Bxe4. As Pretas aboçam assim o contra ataque, ao mesmo tempo que se previnem das ameaças que pesam sobre as linhas centrais. Neste momento, porém, encontrava-me em luta, não só com o meu fogoso adversário, mas ainda com o relógio, cujos ponteiros «voavam», por assim dizer...

22. Dg3! Tf8! (melhor seria 22. Bf8) ou mesmo 22. e5? Tg3! Impellido por jogar qualquer lance (a seta do relógio ameaçava cair) vou fazer uma série de lances que parecerá inexplicável...

24. Cf5! Bxf5? (24. Be5! era o lance justo) 25. exf5 Dxd; 26. Txd, g6? A desorientação é completa, pois tenho apenas breves segundos para jogar até ao limite dos 30 lances. Este terrível problema de tempo foi resultado do explêndido lance das Brancas: 24. Cc4, que não previa e cuja análise me fez consumir cerca de meia hora.

27. Tg3, Tg3; 28. Bds, Th6; 29. Tg3-xeque, Rh8; 30. Bxa6, Tg6; 31. Tg3, Bd8; 32. Bg3.

Daquei por diante, as Pretas têm a partida arruinada, conforme poderá ver-se. Ainda se jogaram mais alguns lances, durante os quais o meu adversário soube tirar excelente partido da dramática posição das Negras, conseguindo um permanente bloqueio e forçando a mobilização das peças contrárias, enquanto manobrava o peão passado na ala da Dama. Assim, por alturas do 44.º lance, abandonou-me, que já não era sem tempo... Uma bela partida do jovem campeão do Porto!

Até o momento em que fechamos estas notas, Carlos Pires venceu Russel, João M. Ribeiro e Braumann; dr. Ribeiro ganhou a Braumann e Lupi e perdeu com Russel e Lupi foi também derrotado por Braumann.

Carlos Pires, desistiu do título, é o actual «leader» da classificação.

No nosso próximo número daremos início aos comentários técnicos a esta interessante competição.

que lhes dá uma noção justa das coisas e, portanto, através de todas as manifestações da sua actividade, a sua maneira de ser revelada de forma decisiva.

E diga-se, em abono da verdade, que os dirigentes não os abandonam um só momento. Por isso, no domingo, no campo do Pedro Nunes, de belas recordações de desporto entre estudantes, os jovens jogadores de futebol escutam atentamente as breves mas judiciosas considerações do sr. capitão Gomes Marques. Nestes desafios não há vencidos nem vencedores, há filiados da «M. P.», imranados pelo mesmo ideal — disse, em sùmula, o ilustre dirigente.

Outro pormenor curioso: a criteriosa escolha dos árbitros, José Travassos, por exemplo, que arbitra e ensina simultaneamente.

A. T.

Em prol da Educação Física

Desportos de inverno

O esquí, exercício ideal da mocidade

O esquí é um desporto que fascina a juventude.

Praticado num cenário de magia, a que a montanha, o sol e a neve dão realce esplendoroso, oferece inúmeras vantagens, que o acreditam como belo exercício para a alegria da alma e a saúde do corpo.

É natural o prazer sadio que a mocidade sente ao recrear-se nas névoas das montanhas, pois encontra neste desporto de inverno todos os requisitos para os seus anseios de movimento, ar puro e luminosidade.

A voga do esquí nas regiões montanhosas da Europa é considerável. Praticam-se em larga escala na Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha, Suíça, França e Itália. Encontra também adeptos fervorosos nos Estados Unidos da América do Norte, onde se utilizam, com óptimos resultados, pistas artificiais.

Uma das grandes virtudes do esquí é o seu fácil desamestamento. Pode, por isso, ser praticado por todos e em qualquer idade.

Desde que a criança está apta a marchar, nada impede que deslize igualmente na neve. A própria velhice não força a retirar da actividade os amadores do esquí. Velhos rijos vêm-se, com frequência, nas pistas da neve, em franca camaradagem com a mocidade ardorosa.

É preciso, porém, não esquecer que um dos maiores perigos do esquí provém propriamente do entusiasmo que ele suscita nos seus praticantes. A paisagem invernal, a pureza e leveza do ar, o brilho intenso do sol, a multiplicidade de panoramas e as belas emoções do exercício, criam estados de alegria de particular intensidade, que conduzem os incautos a deplôreáveis excessos.

Importa não olvidar que a prática do esquí — na plena expressão desportiva — requer boas condições atléticas e técnica bastante aperfeiçoada. O esforço despendido nas descidas vertiginosas e nas corridas de fundo excede muito a capacidade de resistência dos organismos pouco robustos ou mal preparados fisicamente, sobretudo se os melhores anos da juventude foram já ultrapassados.

Desprezar estas verdades é preparar horas amargas: noites agitadas, curvaturas, inapetência, perturbações gástricas e outros transtornos mais ou menos graves, que impossibilitam, durante algum tempo, o regresso aos prazeres recreativos da neve.

Há que encetar o esquí sob três aspectos distintos: educativo (propriamente dito), desportivo e higiénico.

A acção educativa através do esquí visa, em especial, fortalecer a personalidade da criança, isto é, favorecer o seu crescimento e dar-lhe as qualidades físicas, psíquicas e morais indispensáveis ao futuro desportista da montanha.

As actividades devem ser sempre orientadas por técnico da educação física especializado nesta modalidade desportiva, o qual saberá canalizar educativamente os variados recursos da altitude: as condições climáticas, o sol, a neve e a orografia. As excursões, graduadas consoante o grau de resistência dos organismos infantis, serão extremamente instrutivas e organizadas em cadência e marcha apropriadas.

A criança tem de ser preparada para a vida emotiva da montanha e dever alcançar, em alto grau, a audácia e o sangue-frio necessários à prática do esquí.

Insensivelmente, será iniciada nas actividades desportivas por cuidadosa aprendizagem técnica dos estilos que tornam famosos os esquiadores nas pugnâncias dos campeonatos.

O esquí, na sua feição desportiva, é fonte das mais belas emoções que os exercícios físicos podem proporcionar aos amadores do sol e da neve. Descidas impetuosas, viragens rápidas, descobertas de horizontes, planuras sem fim vencidas em veloz deslizamento e as mutações rápidas de panoramas, sempre brancos e multiformes, fazem viver horas de grande alegria — já mais esquecidas pelos desportistas da montanha.

ECOS & COMENTÁRIOS

O exemplo de Coimbra, em matéria de organização federativa, com uma associação regional de carácter unitário — a antiga Confederação de Desportos — vai ganhando simpatias noutros núcleos distritais. Em Bragança, centro desportivo pouco mais do que em embryo, acaba de se formar um organismo federativo destas características — para superintender em todos os desportos. Trata-se de uma resolução feliz, que deve ser útil aos clubes do distrito de Bragança — pelas facilidades que trás à sua expansão desportiva.

REFERIMOS-NOS já à luta apertada que se travou entre os clubes que disputam a taça «João Pereira da Rosa», em tiro reduzido. Devemos por isso acrescentar, para dar uma ideia dessa luta, que a prova fechou com um empate entre o Benfica e o Banco Espírito Santo. Vai agora prolongar-se a batalha — para o desempate.

OS campeonatos de remo da «Mocidade Portuguesa» tiveram inscrição bastante lisonjeira — no que respeita ao número total de equipas que vão começar agora os treinos de apuramento de estilo. Mas é pequena em alguns grupos de escolas. Ao todo, inscreveram-se 12 escolas, assim distribuídas: superiores, 3; médias, 2; secundárias, 7. Entre as escolas secundárias, são as particulares que estão representadas em maior número.

Conversando com Paço de Arcos...

CHEGAM até nós rumores de que, se não é impossível, apresenta porém, sérias dificuldades a fusão dos três clubes existentes em Paço de Arcos. Conversando com elementos responsáveis da vila, foram-nos demonstradas, com argumentos mais ou menos discutíveis, mas todos defensáveis, as razões que obstam à conclusão satisfatória do problema.

Respeitamos as opiniões alheias, desde que elas se norteiem por sensatez e equilíbrio. E, num caso como o vertente, não seríamos nós que nos atreveríamos a pôr em duvida a sinceridade dos motivos aduzidos, independentemente do que a boa lógica, por si e num golpe de vista, permite abarcar.

Todavia, parece-nos que há excesso de pruridos, preconceitos a despropósito e um manto de desconfiança a rodear as conversações finentes a solucionar um problema, que, peristim's conscientemente em declarar, só trar a benefícios ao desporto de Paço de Arcos, em pl no primário.

Advogamos os elementos responsáveis que há agora três receitas e três despesas em cada um dos clubes. Feita a fusão, o montante das despesas será o mesmo, enquanto que a receita diminuirá.

Não somos, feliz ou infelizmente, perito

A personalidade do esquiador enriquece-se de dons físicos, psicológicos e morais, que se repercutem vantajosamente na sua vida social. Energia, coragem, espírito de iniciativa, confiança em si, desembaraço e optimismo, são os belos ganhos e as excelsas virtudes ofertadas por este insinuante exercício físico.

E quando a cidade ou insuflência atlética não permitem os lances desportivos da juventude robusta e sábia, o esquí, em suaves evoluções, constitui, ainda, precioso recurso para restaurar os organismos deprimidos dos habitantes das cidades, dando-lhes alento e alegria para prosseguirem, com êxito, as suas actividades profissionais.

Estes efeitos higiénicos e terapêuticos do esquí explicam a grande animação mundana das estâncias de inverno — e fazem a fortuna de muitos hoteleiros...

ALBERTO DA SILVA VIANA

A palavra é de prata — mas o silêncio é de ouro, afirmou um escritor de fama universal. Assim é — em todo o mundo. Os resultados de falar de mais são por vezes desagradáveis — e as desculpas aparentam certa dificuldade... Perante uma entrevista que provoca reparos — o mais simples é lançar as culpas para quem não falou...

ESTA marcada para meados de Março a abertura da época oficial de ciclismo. Estamos a cerca de um mês do ressurgimento das provas velocipedicas. O anúncio do principio da nova temporada vem, pois, a tempo. A federação de ciclismo não descurou o seu papel de preparar as provas. Oxalá que os clubes e os corredores correspondam aos preparativos — trabalhando com método e mais entusiasmo.

A actividade desportiva de pleno inverno continua a alargar-se, com o reaparecimento de novos desportos. Na passada semana, realizaram-se as primeiras provas de esgrima — em florete. Entraram na última fase os preparativos para as regatas de remo da «Mocidade Portuguesa». E sucedem-se as provas «cross-country». Do «rugby» é que não se fala. Anda em período — de silêncio...

DE CONTA PRÓPRIA...

contabilista. Mas temos a impressão de que não será bem assim... Evidentemente, com um aglomerado de modalidades aumentarão as despesas. Mas perguntamos: não subirão também as receitas? A junção da prioridade do «rnk», campo de futebol e sede, não permitirá um acréscimo de benefícios? Será com uma quota para cada clube, como actualmente, que se viverá melhor e mais desfogado? Supomos que não, embora não sejamos, repetimos, perito contabilista...

O lado desportivo do magno assunto já está por demais escaldado para que se lhe possa negar notável evidência. E, em boa verdade interessa-nos acima de tudo a parte desportiva. O capítulo de cifras e cifrões é para nós secundário, embora reconheçamos que o dinheiro já mais deixará de ser argumento decisivo...

Dizem-nos ainda que certa parte de elementos fusionistas pretende que se estabeleçam hierarquias sociais dentro da colectividade. Por exemplo: na sede entrarão somente determinados sócios, em dias normais, e para determinadas salas, e nos dias de festa seria feita outra selecção. Envereda-se assim por delicado assunto de aspecto social. Delicado — e perigoso. A sã doutrina desportiva — a essência do desporto — não admite distinções sociais. Estabeceu, pelo contrário, perfeita igualdade, baseada no colectivismo. Pensar desfaze-la é visão errada e de conseqüências imprevisíveis. Tudo, porém, se resolverá — parece-nos, pelo conhecimento que temos da vida de tantíssimas colectividades — pelo preço da quotização, por um lado, e com as obrigatoriedades normais convencionadas para certas cerimónias, por outro. As posições, automaticamente, definir-se-iam.

Designar andares e salas para gente da classe A e B, é mau sistema. Nem todos podem comprar camarotes, contentando-se com uma modesta plateia, como há quem se governe com uma gravata de vinte cinco toões porque lhe é vedado adquirir uma de cem escudos!...

A fusão dos três clubes de Paço de Arcos está, pois, incerta. Não desesperemos, no entanto, de que se consigam harmonisar todos os interesses — visando o interesse geral da causa desportiva!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Eugénio SALVADOR

HOMEM de DESPORTO
e de
TEATRO

FILHO de artistas — e criado, pode dizer-se, nos melos teatraes — Eugénio Salvador não podia deixar de ser artista também. O desporto, que é uma grande escola de virtudes cívicas, serviu-lhe à maravilha para norrear-se na carreira que escolheu e é a sua paixão dominante. E Salvador, o mesmo que jogou futebol e praticou atletismo pelo Benfica — o seu clube de sempre — é um bailarino consagrado, de méritos firmados, que entusiasma o público e o prende na sua arte de dançarino hábil e sabedor.

O desporto tem corrido para o teatro e para o cinema alguns dos seus mais fervorosos praticantes: e o «caso» de Salvador não é único. Outros nomes andam também ligados, neste aspecto, e de entre vários, podem apontar-se os de Idalina de Oliveira e Maria Clara, de Oliveira Martins, Paiva Raposo, Tomás de Macedo, António Gonçalves, e Alves da Costa; Estevão Amarante é um desportista, que cultiva diariamente a educação física no seu pequeno ginásio.

E outros ainda — a lista não é grande, mas animadora... — são profissionais de teatro, e, ao mesmo tempo, figuras do desporto, como Rafael Bailão, carpinteiro de cena, e Jorge Silva — o mais velho desportista em actividade? — que desempenha as funções de cabo de figuração. Mas falemos, por ora, de Eugénio Salvador...

O que é na actualidade, todos o sabem. Mas quem foi, no campo desportivo? Um atleta do Benfica, de carreira brilhante e esmaltada de triunfos — cuja actividade ficou largamente vencedora. Teve a paixão do futebol e defrontou as melhores equipas, ao lado dos mais categorizados jogadores, como Jesus Crespo, Vitor Silva, Mário de Carvalho, Jorge Tavares, José Simões, Francisco Albino, Augusto Amaro, João e Manuel de Oliveira, Pedro da Conceição, Gustavo Teixeira e Luís Xavier — tudo «nomes» aureolados do desporto-reil. Hoje tem outra paixão, que o absorve e domina: é a arte coreográfica. Viveu momentos inolvidáveis — e fê-los viver, também, às multidões apaixonadas pela ideia do jogo — nos estádios cujo terreno pisou. E, embora pequeno de estatura, foi dos grandes no futebol. Teve até a suprema alegria de ser o primeiro marcador de «goals» no desaparecido campo das Amoreiras: contra o Casa Pia A. C., em desafio de quarta categoria... Mas depressa ascendeu ao «team» principal do clube, onde as suas exhibições, a extremo esquerdo da linha atacante, tiveram fama.

Como principiou a carreira de Salvador no desporto? Talvez por simples casualidade... Sucedeu isso em 1925 — há perto de 20 anos! Era, então, aluno do Conservatório Nacional, secção de teatro, e convidaram-no a tomar parte num desafio entre... actores e

tourelros; de tal sorte que, no final do encontro (Salvador teve pela frente, a «half-back», o Cadete, do extinto Império), Cosme Damião foi ter com ele e pediu-lhe que... aparecesse pelo Benfica! O pai de Salvador era um entusiasta daquele clube — e o filho, claro, recebeu o convite com júbilo. Foi. Treinou. E passou logo a jogar no infantil... Correu todas as categorias, numa escala de aprendizagem de que os jogadores de hoje talvez desdenhassem... E em 1928 alinhava pela primeira vez no quadro de honra, contra o Belenenses, na Nazaré. Entretanto — para estagiar — uma breve passagem pelas pistas de atletismo, desporto em que não pôde fazer tão brilhante figura como no futebol, apesar de ter sido um «sprinter» de valor. Já nessa altura o teatro lhe absorvia o tempo e começava a entusiasma-lo...

Foi ao Brasil em 1930, com a companhia de que então fazia parte. E treinou no magnífico estádio do Vasco da Gama, com famosos «ases» do futebol brasileiro daquela época. No ano seguinte trabalhou em Lourenço Marques — aproveitando a circunstância para jogar no Ferrovário, ao lado de João Jacinto, Fernando Ferreira, Joaquim Onil e outros. Ganhou o campeonato de futebol da região — como acontecera antes em Lisboa — e por mais de uma vez. Quando esteve em África, Eugénio Salvador foi seleccionado para jogar contra o grupo de Johannesburgo, capital do Transvaal, uma cidade africana que tem um estádio com capacidade para oitenta mil pessoas!! Um estádio esplêndido, servido por cabanas que albergam ao mesmo tempo quatro equipas, possuindo magníficas pistas para atletismo, «courts» de ténis e outras instalações de tomo.

Eugénio Salvador, artista da bola e do teatro, figura do desporto e da cena (não têm conto as suas interpretações no palco, e, uma vez, na tela, no documentário «Lisboa», de Leitão de Barros) foi várias vezes campeão de futebol e defrontou as melhores equipas nacionais e estrangeiras. Uma recordação grata ao seu espírito de desportista: o jogo contra a Argentina, em 1928, quando o «team» daquele país regressava dos Jogos Olímpicos de Amesterdão.

Hoje, Salvador é uma evocação do desporto — de há uma década! É bailarino profissional, artista da dança, que encontrou em Lina Duval a companheira ideal: na arte e no lar. O par Lina & Salvador — firma categorizada de artistas — não tem par... no género! Mas Salvador é, acima de tudo, um artista: e tanto que tem sido escolhido, por mais de uma vez, para director de cena, para ensaiador coreográfico. E agora, reconhecidos os seus méritos e a sua competência profissional, o antigo futebolista e atleta do Benfica desempenhou, na opereta «Alvorada do Amor», estreada no Coliseu dos Recreios, o encargo difícil de encenador geral.

JORGE MONTEIRO





ACONTECIMENTOS DA SEMANA

CAMPEONATO NACIONAL DE XADREZ: 1 — João Mário Ribeiro, Francisco Lupi, Gabriel Russel e Carlos Pires disputam as primeiras partidas. **ESGRIMA:** 2 — Os concorrentes ao torneio de terceiras categorias de florete. **ATLETISMO:** 3 — A secção de atletismo do Sporting Club de Portugal está trabalhando de maneira digna de ser apontada com aplauso. Depois da feliz iniciativa de antecipar para o fim da época passada a escolha e recrutamento dos seus novos praticantes para a temporada futura, assegurando-lhe assim alguns meses de metódica preparação, completou agora o seu esforço cultural promovendo uma série de palestras educativas, que vão constituir o complemento indispensável do trabalho prático em campo. Foi o nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira a pessoa escolhida para ministrar êsses ensinamentos e na quinta-feira passada, na sede do clube e com a sala cheia de atletas e futuros representantes «leoninos», falou, durante cerca de uma hora, com o conhecimento de causa e brilhantismo que lhe são peculiares, dos importantíssimos problemas da «higiene do desportista». No próximo dia 17, o mesmo conferencista estudará a questão da respiração em corrida. **HIPISMO:** Nas «poules» de domingo passado — o grupo dos cavaleiros premiados (4) e um belo salto (5).



O Instituto Superior Técnico

ganhou o Campeonato Universitário

COM os jogos disputados, ontem à noite, por oportuno adiamento da sessão matinal do domingo, terminou o campeonato universitário, que nas últimas jornadas conheceu o crescimento de entusiasmo.

A prova serviu muito bem a propagação da modalidade e constituiu a melhor preparação para o campeonato inter-clubes, de cuja próxima abertura se começa a falar; estamos convencidos do interesse do público se a Associação conseguir forma de fazer disputar os jogos em recinto apropriado, nas noites de semanas e com programas conjuntos das primeiras categorias. É assunto a estudar e sobre o qual insistiremos.

Os jogos da terceira semana do torneio reservaram-nos algumas surpresas, como a vitória de Agronomia sobre Direito, outros embates que entusiasmarão o público e o encontro decisivo para a segunda classificação.

O Técnico confirmou, nas últimas exhibições, o título já conquistado, obtendo vitórias faceis sobre Belas Artes e Ciências; o Instituto Nacional de Educação Física classificou-se no posto imediato, coisa também com que todos antecipadamente contavam, mas algumas das suas apresentações não corresponderam às reais aptidões e à vantagem de facilidades de preparação que leva sobre todos os restantes competidores.

Direito e Ciências terminaram igualados na pontuação para o terceiro lugar; no jogo respectivo, Direito venceu, mas foi depois perder com Agronomia, equipa perigosa e cuja classificação não corresponde ao seu verdadeiro valor.

A Faculdade de Medicina ocupa o posto inter-diário da tabela; teve bons e maus jogos, com equívoca lógica de falta de treino de conjunto entre elementos com habilidade ou já consagrados, mas aos quais prejudicava a ausência de mutuo conhecimento.

Agronomia, que vem a seguir, foi vítima do colapso sofrido no domingo e no feriado finais de Janeiro, faltando num dos dias e apresentando-se incompletos no outro. O êxito que alcançou sobre Direito mostra as suas possibilidades.

Económicas e Financeiras, Colonial e Belas Artes fecham o rol, numa ordem que se rever estas notas ainda não conhecemos, pois depende dos resultados do ontem à noite. Foram resmemente os conjuntos menos harmónicos, mas susceptíveis de progresso, que algumas das suas saídas deixaram antever.

A organização do campeonato decorreu na melhor ordem e não oferece motivos para quaisquer reparos, além daquele já feito pela crítica sobre as sessões do domingo; o adiamento do terceiro programa dominical é um reconhecimento tácito do erro, mas pena é que — a ter de dar-se — tenha chegado tão tarde.

Também se não pode omitir referência às arbitragens do torneio; de modo geral, foram todas satisfatórias, algumas excelentes, outras menos rigorosas; mas sempre uniformes e justas, que é o principal predicado exigível. Notou-se a quasi unânime benevolência para os transportes, que alguns juizes preferiram não assinalar, pelo embaraço que encontraram em estabelecer o limite entre o legítimo e o irregular.

Se tivéssemos de proceder a uma classificação dos árbitros, daríamos sem hesitação o número um a Matos Chaves, pelo seu primoroso trabalho no difícil encontro Técnico — I. N. E. F.

O torneio findou e deixa-nos saudades; foi uma competição desportiva animada pelo melhor espirito, onde todos os jogadores alinharam sempre dispostos a dar generosamente o melhor que saíam e podiam, fazendo desporto por desporto, com a alegria e o entusiasmo que é timbre das competições académicas. Que encanto, se fosse sempre assim!

Resultados da semana:

Faculdade de Medicina-I. S. Agronomia, 15-6, 15-12; I. N. E. F. Económicas, 15-3, 15-5; F. de Ciências-E. S. Colonial, 15-5, 15-3; I. S. Técnico-Belas Artes, 15-4, 15-3; I. S. Agronomia-F. de Direito, 15-12, 14-16, 21-14; I. N. E. T.-F. de Medicina, 15-6, 15-4; Económicas-Colonial, 15-13, 15-10; F. Ciências-Belas Artes, 15-7, 15-12; I. N. E. F.-F. de Direito, 17-15, 2-15, 12-5.

JOSÉ DE EÇA

BASKET-BALL

TÉCNICA E ENTUSIASMO — características do encontro Unidos-Alélico, o de maior interesse na 3.ª série do Campeonato de Lisboa

A terceira série dos jogos disputados para apuramento do campeão de Lisboa da época de 1943-1944 comportou, na sua primeira jornada, o encontro de maior interesse, o Unidos-Atletico. Tanto o jogo desenvolveu-se como o comportamento das equipas perdurará na memória de todos aqueles que, nessa noite, estiveram no campo da Hovalista.

De facto, à melhor técnica dos campeões de Lisboa responderam os «unioistas» com jogo energético e entusiasta, que, especialmente na segunda parte, com o resultado final sempre indeciso, empolgou a maior assistência registada até ao campo de «basket». Não se pode desejar mais e melhor.

O Unidos, primeiro marcador do encontro, viu-se em breve com a desvantagem de 7 pontos, que os seus jogadores tentaram sempre anular. No entanto, o Alélico conseguiu chegar ao final da primeira parte mantendo ainda a seu favor uma diferença de dois pontos. Ao iniciar-se o segundo tempo, o Atlético tomou maior ascendência, e pôs o resultado em 20-12 — que o Unidos depressa anulou, impondo-se então até final do encontro. A maior resistência física dos «unioistas» se deve a nova feição que o jogo tomou, pois o Atlético já não pôde empregar tal por diante o jogo rápido que desejava. Grupos de características diferentes, puseram em acção todos os seus recursos técnicos e tornaram esta pugna de um encanto desportivo difícil de igualar.

O encontro Benfica-Sporting, disputado a seguir, ressentiu-se em parte deste facto: a assistência, vibrando ainda da emoção porque acabara de passar, não encontrou no desafio a mesma técnica que os seus antecessores tinham desenvolvido. Desenvolveu-se, por isso, no meio de apatia geral, sem interesse digno de nota e apenas com um pormenor: a subida de valor dos «encarnados».

O «match» Li-gás-Campo de Ourique era, de todos os jogos de 2.ª feira, o de maior interesse, visto tratar-se de grupos cujo desível de classe era menos sensível. As anteriores exhibições do Li-gás faziam prever uma vitória que o Campo de Ourique saberia tornar difícil, pois tem qualidades que o tornam adversário perigoso. Os vaticínios não saíram errados, pois o C. A. C. O. esteve prestes a sair do terreno com uma vitória

que não seria desmerecida. Observou-se nele subida de valor, e, sobretudo, de combatividade; a continuar a trabalhar com o mesmo afino, os «ouriqueenses» poderão enfileirar entre os clubes que melhor «basket» praticam.

A sua combatividade permitiu-lhe comandar todo o primeiro tempo, no qual teve sempre vantagem. Mas foi a 2.ª parte que trouxe a nota saliente do encontro: quando o Li-gás a jogar, na sua característica habitual, esperava-se que o Campo de Ourique não conseguia manter a toada até ao posto em prática; pelo contrário, respondendo sempre com energia e decisão, nunca se deixou inferiorizar perante o adversário. As frequentes alternativas do marcador, forneceram motivos de estímulo constante, mantiveram até final duvidosa uma vitória que se inclinou, nos últimos minutos, para o Li-gás.

Os encontros Belenenses-Maria Pia, Carnide-Rio Sêco e Algés-Operário, tiveram características semelhantes. Qualquer das equipas mais caracterizadas desenvolveu acção inferior às suas possibilidades — e os vencidos souberam sempre responder com energia e decisão ao jogo imposto pelos adversários.

Os próprios campeões nac onais só tarde viram trazida com vantagem a sua superioridade, pois o resultado não tomou maior expressão senão depois do marcador ter estado em 20-18.

Após estas duas jornadas, Algés, Carnide e Unidos mantêm-se, em igualdade, à frente da classificação geral, com dois pontos de vantagem do At.ético, Belenenses e Li-gás, que são seguidos imediatamente do Benfica, Sporting e C. A. C. O., distantes uns dos outros sómente um ponto. Maria Pia, Operário e Rio Sêco fecham a classificação, que tomará cada vez maior interesse, não só para o primeiro lugar como também para os quatro últimos, que o novo regulamento do campeonato fará baixar de Divisão.

Segue também animado o campeonato das categorias inferiores. Do conjunto de todos estes encontros, o Unidos é o único clube da Divisão de Honra que conta por vitórias todos os jogos efectuados nas quatro categorias.

JOÃO ASSUNÇÃO

Raul Worm, do Ginmásio Clube

ganhou o torneio de 3.ª cat. de Florête

ABRIU na semana passada a época de esgrima, com a disputa do torneio de 3.ª categorias de florête, organizado pela F. P. E. C. concorreram 12 «tiradores», inscritos pelas salas de armamento do I. S. Técnico (6), «Mocidade» (4), Ginmásio Clube e Hockey (1), e um individual.

Pouco há a dizer desta prova, na qual se exhibiu florête de fraca qualidade, particularmente na 1.ª eliminatória.

A vitória de Raul Worm, do G. C. P., corresponde na realidade às possibilidades verificadas entre os concorrentes, apesar do vencedor não se encontrar em momento de inspiração. Já o segundo lugar do dr. Luiz Pimentel significa algo bastante honroso, pois Machado Gomes, do I. S. T., e até Manuel Mourão, da «M. P.», respectivamente 3.º e 4.º classificados são mais florëtistas, embora também pouco experientes, sobretudo Mourão — o finalista de melhor valor. Luiz Beltrão, do H. C. P. (5.º) e António Va-concelos (6.º) e Manuel Igreja (7.º), da «M. P.», ficaram nas posições que deviam correspondê-lhes. De sublinhar a combatividade de Vasconcelos.

Jardine Neto, do I. S. T., que não pôde disputar a final por se encontrar enfermo, revelou qualidades a cultivar.

As eliminatórias excluíram A. Supico, do I. S. T., também de esperançoso futuro e que estimaremos ver em novos torneios, dada a sua intuição e temperamento de esgrimista; Madeira Pinto, igualmente do I. S. T., cuja eliminação nos surpreendeu; e Andrea Martins e João Alvim, ambos da «M. P.», sobre os quais são prematuros quaisquer comentários, por se tratar de jovens debutantes de reduzida experiência. — A. M.

O torneio de 2.ª categorias

Começou na passada segunda-feira o torneio oficial de 2.ª categorias de florête, que oferece a nota da comparticipação de Henrique Santos, o português campeão de espada da América em 1942. Faremos pormenorizada referência a esta prova no nosso próximo número.

A assembléa da F. P. E.

Foi transferida para o próximo dia 15 a assembléa geral extraordinária da Federação Portuguesa de Esgrima, primitivamente marcada para 10.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

«Basketball» — Principiou anteontem a disputar-se o campeonato universitário desta modalidade, a que concorrem oito equipas.

Bilhar — Bartolomeu Mira, com três vitórias, ganhou o campeonato do Benfica. A seguir classifica am-se: Francisco Branquinho, Alvaro de Oliveira e Emilio Quelhas.

«Cross-Country» — O Benfica fez disputar mais uma competição destinada a sócios e simpatizantes, no percurso de 2800 metr. s., nas circunvizinhanças do seu campo. Manuel Gomes ganhou a prova, em 6 m. e 37 s., seguido de Horácio Dias (6 m. e 50 s.) e Diamantino Valente (6 m. e 58 s.).

Futebol — Resultados da última jornada do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa: Moagens de Ramas-Papelaria Fernandes, 2-0; Pórtio de Lisboa-Emprêsa Nacional de Publicidade, 3-1; Fábrica Portugal-Gaiotas, 2-1; Progresso Mecânico-Gás e Electricidade, 2-1; Material de Engenharia Espírito Santo, 2-0; C. T. F. Levantamentos Aéreos, 1-1.

— No torneio de «reservas», promovido pela A. F. L. p. ra disputa da taça «Artur José Pereira», verificaram-se os resultados seguin-

(Conclui na pág. seguinte)

SENTIDO !

NESTE hábito em que estamos, desde há anos, de apontar o que nos parece incompatível com o ideal desportivo, temos, por vezes, feito referências a factos de todos os dias, orientados unicamente pelo desejo de vermos «afinações» perfectas na postura, civismo e compreensão dos deveres que devem observar os praticantes de desportos — seja em que modalidade for.

Assim, passando sobre a forma como algumas turmas se comportam nas suas deslocações — por vezes esquecendo a finalidade do desporto, tornando-se «engraçados» no seu trato com o público, que lhes não perdoa, em especial aquêle que não frequenta os recâmbulos — o que será objecto de uma outra crónica, pretendemos referir alguns pormenores por nós observados, quando, como há dias, se presta, em campo, saudação aos que banquearam, depois de terem dado o melhor do seu esforço pela causa desportiva.

Inúmeras vezes succede que, quando um grupo presta homenagem a um desportista ou a quem pela colectividade se esforçou dedicadamente, antes de começar um encontro — e isto succede frequentemente no futebol — observava-se um minuto de silêncio, como consagração do trabalho que o evocado fez em prol do clube que defendeu.

Ora raras vezes temos observado que esse espaço de tempo tenha, da parte dos atletas em campo, aquela demonstração de respeito que a nossa educação ou o nosso sentimentalismo exige.

Ao sinal de apito do árbitro, muitos não compreendem que a posição em que essa manifestação deve ser cumprida estritamente é a de sentido. Mesmo os que não serviram nas fileiras do exército sabem que a posição fundamental para qualquer exercício é a posição de sentido, que se aprende, pelo menos, nas aulas de ginástica, agora tornadas obrigatórias por uma disposição acertadíssima da Direcção Geral dos Desportos. Mas ainda que assim não fosse, o espirito de observação, que nos leva a fazer tanta coisa, leva também a verificar que, quando uns estão perfilados, direitos, mais ou menos a «viverem» a homenagem prestada aos que deixaram este mundo, não se concebe que outros o façam de mãos nas ilhargas ou atrás das costas, postados em posição diferente.

Isto é, além de tudo, manifesta demonstração de pouca civildade — de falta de educação!

E mais: já por várias vezes temos reparado que, ao prestar-se saudação ao representante da D. G. D., alguns componentes dos grupos a fazem da mesma forma incorrectamente, isto é, uma mão a saudar e a outra onde a comodidade melhor aconselha...

Parece-nos que, neste pormenor, a função do árbitro principiará ou acabará assim: Junto dos grupos, árbitro e juizes de linha estariam formados em fileira uma; um sítio indicaria o sentido; outro a saudação e ainda um outro o fim da continência e o dispersar.

Chineses? Não. Princípio disciplinar a que todos deveriam observar.

Mas sobre este ponto ainda há qualquer coisa mais a dizer. Aguardemos...

MÁRIO AFONSO

Notas... sem valor

COM a aproximação da data de 27 do corrente — Pôrto-Galiza nesta cidade — o nosso amigo Alfredo Figueiredo, seleccionador único escolhido para organizar o agrupamento local, tem de agir com certo cuidado no sentido de obter o «ranjo» que há de defrontar «los chicos gallegos». Claro que a «coisa» está difícil: a matéria prima não dá para o que se pode pretender. O seu trabalho deve já ter começado e não tarda por aí o primeiro treino entre «possíveis» e «prováveis». Quem serão? Quais serão? Há um jogador, incontestavelmente seleccionado por «direito»,

Qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943?!

RECEBERAM-SE já cerca de seiscentas respostas às perguntas que «Stadium» formulou aos seus leitores: — Qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943?! E nessas quasi seis centenas de respostas ao nosso inquérito, prevalece o interesse dos desportistas portugueses, que se baseia, afinal, na própria curiosidade das perguntas — reparando-se as opiniões dos «eleitores», como é natural que assim suceda.

Como o termo deste concurso, que se conclui na próxima segunda-feira, avoluma-se o interesse pelo seu desfecho, porque se a vitória do Belenenses no último campeonato de Lisboa de futebol marcha na vanguarda das opiniões, quanto ao acontecimento mais importante, no ano findo, a verdade é que, no que respeita ao melhor atleta de 1943, já não é Bení Levi que figura de favorito, mas sim Adolfo Mourão.

Outros nomes apareceram também, a enriquecer a lista: e são eles, entre outros, os de Francisco Ferreira, Luís Neves, Fernando Amaral, Rafael Correia, Nogueira Cardoso (Pina) e Afonso Domingues. Figuram, portanto, nesta lista, jogadores de futebol, «basketball» e «handball», «boxeers», cavaleiros, nadadores, esgrimistas e praticantes do atletismo — representantes, em suma, de vários sectores das actividades desportivas.

Quanto a acontecimentos, outros apareceram também. De entre todos sobressaem a saída dos nadadores do Algués para o Estoril Praia, a inauguração da pista de cinesa do Sporting, as vitórias do Carnide Club — no campeonato nacional de «basketball» — e dos cavaleiros portugueses na «Toça de Ouro da Península», a criação da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar e o triunfo alcançado pelo Vitória no campeonato de Setúbal de futebol, a par da vitória do Fósforos sobre o Estoril Praia.

Nas varias «justificações de voto», uma se sobrepõe: aquela em que um leitor, referindo-se à saída dos nadadores do Algués para o Estoril Praia, garante que a sua opinião é fundamentada na circunstância de se tratar de um acto de solidariedade desportiva praticado por na-

que deve ter o lugar muito periclitante, em virtude das suas últimas más exhibições...

— O Salgueiros conseguiu a primeira vitória de «secretaria» obtendo ordem da F. P. F. para poder alinhar no seu «conze» o ex Sporting da Cruz, Barros. Quanto ao caso do Cerqueira, parece que o assunto está algo demorado...

— O Académico voltou a recrutar gente fora da terra. Vem agora por aí abaixo dois homens de Escamarão, centro desportivo de distrito de Vizeu, que deverão ser experimentados num encontro sem «dificuldades».

— O Vilanovense prepara afinadamente a sua turma de ciclismo. Há grandes esperanças. Bom é que assim seja, para bem do ciclismo norteño e para honra da «Mea Vila de Gaya»...

— Seguindo os passos precedentes, o F. C. Pôrto anda agora à procura de um... avanço do centro. Pode acontecer que lhe saia a sorte grande... mesmo que seja pela nova modalidade...

— Parece que o F. C. Pôrto volta a fazer uma viagem à Madeira. De passagem pela cidade, dois dirigentes do Marítimo trocaram impressões com os directivos do campeão regional, sobre a possibilidade da deslocação do grupo até à «épêrola do oceano». Resultado de outra épocas, restos de uma fama que não se estumou ainda de todo...

— A Associação de Futebol do Pôrto tem o «desejo» de estabelecer relações desportivas com outras associações do país, saindo do «prato crónico» dos jogos Pôrto-Lisboa. No seu programa tem em vista encontros com Aveiro e, possivelmente, com Vizeu. Anda muito bem a A. F. P.!

dadores para com um campeão sem recom-pensa...

E natural que haja ainda mais «oscilações» até final do concurso — só recebemos respostas até o dia 14 — cujo resultado, verificado até antontem, publicamos a seguir:

Acontecimento

Vitória do Belenenses no campeonato de Lisboa de futebol	198
Conzate de «boxeers» Levis Pôrto	68
Portugal Espanha em «handball»	62
Saída dos nadadores do Algués para o Estoril Praia	34
Inauguração da pista de cinesa do Sporting	29
Vitória do Carnide no campeonato de Lisboa de «basketball»	26
Campeão nacional de «handball»	23
Criação da Direcção Geral dos Desportos	19
Recepção ao Benfica	18
Triunfo alcançado pelo Vitória no campeonato de Setúbal	17
Vitória dos cavaleiros portugueses na «Toça de Ouro da Península»	16
Vitória do Fósforos sobre o Estoril Praia	15
Jornada de Propaganda Desportiva	13
Renovação do F. C. do Pôrto	11
Triplice vitória de Jorge Oom em esgrima	6
Campeonato ibérico de remo	4
Festa de despedida de Mourão	4
Vitória do Benfica em Coimbra no campeonato nacional	3
Festa de despedida da Sociedade Desportiva	2
Desafio de futebol Benfica-Sporting (2-1) no Lumiar	1
Dez minutos finais do jogo de futebol Pôrto-Benfica	1
Vitória do Belenenses em «handball», imbatível na época	1
Total	566

Atleta

Adolfo Mourão	73
Bení Levi	61
Jolo Azevedo	56
Mariano Amaral	45
Mário Simas	45
Agostinho Guedes	44
Fernando Lourenço	38
José Pedro	32
Francisco Ferreira	28
Joaquim Teixeira	25
Matos Fernandes	24
Luís Neves	14
Fernando Amaral	13
Rafael Correia	12
Jose Albano	9
Nogueira Cardoso (Pina)	9
Correia Barrento	8
Fernando Peyroteo	7
Jorge Oom	6
Afonso Domingues	3
Alves Carvalho	1
Total	566

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

(Continuação da pág. 14)

tes: Sporting-Chelas, 2-1; Atlético-Unidos, 3-1; Benfica-Belenenses, 4-0; Estoril Praia-Operário, 2-2.

Hipismo — As primeiras «poules» da S. H. P. foram ganhas pelos cavaleiros cap. António Spínola e H. José Morais.

«Hockey» em Campo — O Ramaldense, campeão do Pôrto e finalista do último campeonato nacional, passou para a vanguarda da classificação, no torneio portuense da especialidade.

Natação — Na piscina do Algués efectuou-se mais um torneio entre sócios da colectividade. As provs de infantis foram ganhas por Armando Rodrigues (66 m. bruços em 1 m. 2 s. e 66 m. costas em 1 m. 9 s.) e Rodrigues Alves (66 m. «crawl» de frente em 55 s.). Outros vencedores: Fernando Leal, 1 m. 22 s. e 4/10 em 100 m. «crawl» de costas, e Rafael Ramos, 1 m. 2 s. e 6/10 em 100 m. «crawl» de frente, provas de inscrição livre; Antunes Costa, 52 s. e 1/10 em 66 m. «crawl» de frente, 2.ª categoria; Maria do Rosário, 34 s. e 8/10 em 33 m. bruços. Maria Luísa, 32 s. e 1/10 em 33 m. «crawl» de frente, e Mar a Ojette, 1 m. e 9 s. em 66 m. «crawl» de costas, provas de meninos; e Lucília Angeia, 58 s. e 5/10 em 66 m. «crawl» de frente, senhoras.

Ténis — O campeonato do Sporting foi ganho por Correia Pereira, que, na final, derrotou António Neves por 6-3, 6-8 e 6-4.

(Fotos C. G. Rabeca)

NO VIBRANTE JÓGO DE OLHÃO



Com Amaro nas redes, Salvador lança-se a uma bola — que saiu junto do poste...



Como entrou um dos tentos sofridos por Salvador



Defesa da «sleeper» bolonense, que Simões segue com atenção



Stadium

Os «sócios» lisboetas liberam trabalho aturado. Simões corta uma avançada perigosa dos dianteiros algarvios